

dora dorinha

textos de
(e para)

Dora Almeida



Na mesa da Santa Sede, em 2015, conheci Dora Almeida, senhorinha de sorriso fácil, que resplandecia carisma, carinho e juventude. Ela leu um texto bonito, naquela noite. Dias depois, leu outro, irônico, falando de seu “prazo de validade”. Não me contive: no encontro seguinte levei um texto de presente, dando “continuidade” (como se fosse preciso...) à sua crônica. Ela gostou, rimos um tanto e, mais tarde, a acompanhei até seu apartamento – morava perto. Ficamos amigos. Nos encontrávamos nas oficinas, nos eventos, nas redes sociais. Veio a pandemia, passou, retomei as visitas, seguiram nossos bate-papos e o café, que ela fazia de bom grado, com Pepe e Candinho, os gatos, nos rodeando. Vó Dora, além da bela escrita, tinha uma inteligência afiada. Progressista, crítica, experiente, escrevia sobre tudo. Aconselhava, ironizava, apontava caminhos e mantinha o bom humor e a esperança intactos. Essa inspiração, essa força imensa e o carinho sincero jamais diminuíram, nem mesmo após a saúde deteriorar. Um dia, faz pouco, Dora Dorinha se foi. Restou a dolorida saudade, e o orgulho de ter compartilhado vivências e crônicas com ela. Restaram também seus textos e comentários, testemunhos lúcidos sobre a vida, e sobre si. Alguns você encontra neste livro. Lendo, conhecerá Dora Almeida, mulher linda, uma senhora escritora. E, como eu, irá se encantar.

Giancarlo Carvalho
escritor

dora dorinha

textos de
(e para)

Dora Almeida

Edição: Rubem Penz

Revisão: Tetê Lopes

Projeto gráfico, capa e curadoria de textos: Giancarlo Carvalho

Consultoria e curadoria de textos: Dóris Bittencourt Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Almeida, Dora

Dora Dorinha | Dora Almeida. – Porto Alegre, RS : Santa Sede, 2024.

ISBN 978-65-85114-20-2

1. Crônicas brasileiras I. Título.

24-233864

CDD-B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira B869.8

Eliete Marques da Silva – Bibliotecária – CRB-8/9380

Copyright © 2024 Dóris Bittencourt Almeida

Todos os direitos reservados



Santa Sede Editorial

Rua Coronel Octaviano Pinto Soares, 445/102

91740-860 – Porto Alegre (RS)

55 51 99123-5540



santasedeeditorial.com.br

oficinasantasede.com.br

[@oficinasantasede](https://www.instagram.com/oficinasantasede)

dora dorinha

textos de
(e para)

Dora Almeida

Dora, Dorinha,

Desde o primeiro encontro, quando leste teus escritos no encontro da Santa Sede, foi aquela sensação de “amor ao primeiro texto”. E, a cada vez que nos reunimos, tornou-se mais forte uma afinidade que se foi confirmando. O encanto pela vida, as opiniões expressas com doçura, o sorriso sempre presente. Teu amor pelo neto, pela filha... E pelos gatos... Dividimos muito de nossas experiências de vida. Ainda agora penso em te telefonar quando chegam notícias de Bagé; ou quando tenho alguma façanha dos netos para dividir contigo; ou quando, simplesmente, a saudade bate.

Foste – e serás sempre – uma estrela, minha amiga!

Tetê Lopes



Prefácio

“O sonho me dizia que, se não nos meus livros ou na minha vida, ao menos em minhas fantasias, eu viveria eternamente como seu filho pequeno, com a consciência de um filho pequeno, tal como nelas ele continuaria vivo não apenas como meu pai, mas como o pai, proferindo sentenças sobre tudo que eu faço. Você nunca deve esquecer nada” (Roth, 2017, p.172).

No romance “Patrimônio”, Philip Roth nos convoca a refletir sobre a profunda relação que atravessa as vidas de um pai e de um filho, nos leva a pensar sobre o que é um patrimônio, sobre os significados de guardar as lembranças de quem amamos, cuidá-las, preservá-las para quem virá depois de nós, para, segundo as palavras do autor, não esquecermos jamais.

Como uma espécie de lugar de memória, o livro “Dora, Dorinha” reúne crônicas produzidas por minha mãe. O desejo por escrever aflorou na idade madura. Hoje, avalio como foi importante ela ter se permitido frequentar oficinas literárias do grupo Santa Sede, pois pode se experimentar nessa atividade e descobrir seus sabores. Suas crônicas, em grande parte narrativas autobiográficas, abordam, com fina ironia, temas como as relações humanas, a finitude da vida, o cotidiano, suas memórias, entre outros.

Dora, a meu ver, teve uma vida plena e é fonte de inspiração para mim e para muita gente. Nasceu numa cidade quase na fronteira com o Uruguai, Dom Pedrito, em 1943,

filha de professora, estudou Pedagogia em Bagé, cidade próxima, onde conheceu meu pai, Antônio Almeida. O casamento, em 1967, representava, entre a classe média, uma parceria comum na época, entre uma professora e um bancário. Teve uma única filha, eu, cujo nome homenageia sua irmã. Queria muito ser avó, e pode experimentar esse outro lugar. Esteve junto ao neto Francisco por 17 anos, construíram uma convivência intensa e fecunda, que comparece fortemente em seus escritos.

A mãe exerceu o magistério por mais de 45 anos, escolheu ser professora de Matemática, pois seu curso, na época, permitia essa habilitação. Nunca a vi reclamar dos alunos, mas questionava as dificuldades da profissão que ano a ano se acirravam. Lembro que, em 1979, ainda que temerosa, aderiu à primeira greve do magistério gaúcho e sua participação manteve-se ativa nas muitas paralisações que se seguiram nas décadas seguintes.

Entusiasta das novidades, dizia “me deem o supérfluo que eu dispenso o indispensável”, sempre gostou mais da atualidade do que eu, mais ligada ao passado. Estava sempre pronta a aprender o que não sabia, adaptava-se ao novo com facilidade, ao uso de novas tecnologias, por mais complexo que parecesse ser. Ao longo da vida, manteve o hábito de fazer coisas novas, gostava de conhecer pessoas e, assim, cultivava muitas amizades, mesmo em uma fase da vida em que esse hábito pode ser mais difícil. É bem possível que isso tenha permitido a ela a construção de uma jovialidade em seus mais de oitenta anos.

Entendo que ela fez tudo o que quis, ou que foi possível fazer: casou com um homem que amava, teve uma filha, trabalhou na profissão que gostava, viajou, talvez menos do que gostaria, mas conseguiu ir a Paris (cidade que amava) algumas vezes na vida, estudou línguas, descobriu-se na literatura como cronista, participando do grupo “Santa Sede” por vários anos. Adorava receber as pessoas da pequena família, amigas e amigos em sua casa, sempre tendo um bom café e algo a mais para oferecer. Foi uma leitora voraz. Durante a pandemia, sentiu a necessidade de mais companhia, daí vieram os gatinhos Pepe (em homenagem a nosso querido uruguaio) e Candinho, que hoje estão conosco.

Tenho convicção que a mãe está bem, em paz e feliz em algum lugar cheio de luz e boas energias. De toda essa convivência de 55 anos, ficam as memórias e o privilégio de poder ter vivido grande parte de minha vida perto dela.

Encerro com essa reflexão que o amigo Marcos Hinterholz me mostrou há algum tempo: “Assim como na noite o dia se contém e o sol ao fim da trajetória em lua se resolve, assim emerge o homem dessa mesma terra mãe que o há de receber com mãos de quem absolve” (Ruy Belo, “Glauco e Diomenes”).

Dóris Bittencourt Almeida

Professora na Faculdade de
Educação/UFRGS

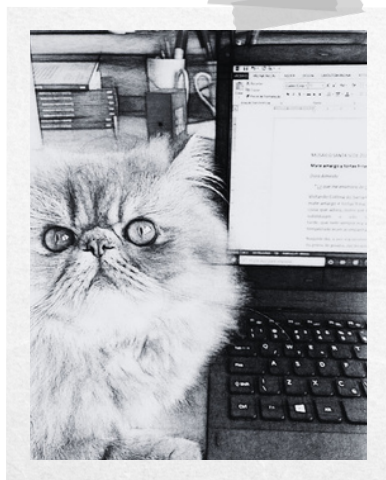


Sumário

- 15 Paris é uma festa
- 18 O relógio da Maria Luiza
- 20 A Irmã Elvira
- 22 Pelos no nariz | *da série "Histórias de avós"*
- 23 A primavera acaba
- 25 Sonho de verão
- 28 Vida, verão, traição
- 30 O anel da cigana e o pastel do mercado
- 32 De amor e ciúmes
- 34 sem título | *da série "Histórias de avós"*
- 35 Mulher bem-agradecida
- 37 Vou para Paris
- 39 Bergamotas para Aninha
- 41 Diálogo existencial | *da série "Histórias de avós"*
- 42 O sorriso de Olga
- 44 Lembranças do
tempo e do vento
- 46 Jogo do bicho
- 50 Prazo de validade



- 55 Aula de Matemática
- 57 O acidente
- 59 Rondó de mulher só
- 61 Tio Elautério e a Democracia
- 64 Meus 31 dias de Ernesto
- 67 Mulheres da escrita
- 69 Mesmice
- 71 Caio agora
- 73 A vida que segue
- 77 Chico Pintado | *texto premiado* 🏆
- 82 Esculturas da infância
- 84 Aquarela
- 86 Os Jorges
- 88 O canto da sereia
- 90 A vizinha do 503
- 92 O gato de Virgínia
- 94 O padre e a moça
- 96 Até breve, meu amor
- 98 Os sapatos do palhaço
- 100 Sandálias vermelhas
- 102 Casa sem chão
- 104 Histórias para não esquecer
- 106 Carpe Diem | *da série "Histórias de avós"*
- 107 De chuteiras e sapatilhas
- 109 Pancho e eu
- 111 Tempo, Tempo, Tempo



- 114 Fumaça na enchente
117 Passeio
119 Mate amargo y tortas fritas
121 Don Pepe e eu
124 Guardiões da memória
127 Paisagens
129 2ª dose!
130 Lista de desejos
131 Cabelo colorido
133 Setenta e nove prazeres
136 De sonhos e de sombras
139 Pedaladas ao sol
141 De rezas e santos
143 sem título | *uma corrida de táxi*
145 J'adore
147 Flor
149 De morte e (in)certezas
- 153 Testemunhos





Paris é uma festa

Se você teve a sorte de viver em Paris quando jovem, sua presença irá acompanhá-lo pelo resto da vida – Ernest Hemingway, 1950

Paris é uma festa! Ah! Se é! Hemingway já disse isso.

Marinalva e Maria Luiza concordam com Hemingway. Nunca moraram em Paris como ele, mas Paris esteve sempre presente nos seus sonhos. Falando um pouco de francês, prepararam a viagem, fizeram as malas e... *Allons-y! Paris nous attend!*

Não era a primeira vez em Paris, mas, 15 dias flinando pela cidade (Maria Luiza adora esse verbo “*flâner*”), visitando lugares turísticos e outros nem tanto, realmente seria muito bom.

Levavam consigo alguns euros e um cartão de débito para retirar dinheiro lá, se precisassem. E precisaram, *bien sûr*.

– Vi um caixa eletrônico perto do Boulevard Saint-Germain. Acho que aceita Visa, vamos lá?

Um pouco desconfiadas daquele caixa eletrônico na calçada, bem diferente dos caixas aqui no Brasil, as duas, olhando para todos os lados para ver se havia alguém prestando atenção nelas, pegaram seus cartões. Maria Luiza inseriu seu cartão do Banrisul. “*Choisissez votre langage*” aparece no visor.

– Francês, né? *Nous parlons français*.

Tudo ia indo bem até o visor do caixa pedir alguma coisa referente a “*retrait*” ou “número de *retrait*”.

– *Retrait*? Mas *retrait* é “aposentado”, não somos aposentadas na França, alguma coisa deve estar errada. Isto é um caixa para aposentados.

E Marinalva:

– Deixa que eu tento com o meu cartão, que é do Banco do Brasil. A mesma coisa. Foi até o “*retrait*” e parou.

Muito desconsoladas, foram tomar um café. Nada como sentar num café no Quartier Latin para organizar as ideias.

– E se a gente não conseguir retirar o dinheiro?
– Paciência! A gente usa o cartão de crédito, fazer o quê?

E continuaram flinando pelas calçadas, adorando as livrarias, olhando as vitrines, uma beleza. Dia seguinte, pegaram o metrô na estação Jussieu e foram até a Madeleine, flinar um pouco mais, felizes da vida, embora um pouquinho preocupadas *à cause de l'argent*. Passaram por um Poste.

– Olha aí, está cheio de caixas, algum deve servir. Vamos entrar? Estes pelo menos não são na calçada.

Um monsieur muito gentil (*oui!!! les français sont très gentils!*) atendeu as meninas:

– *Oui, madame, s'il vous plaît, madame...*

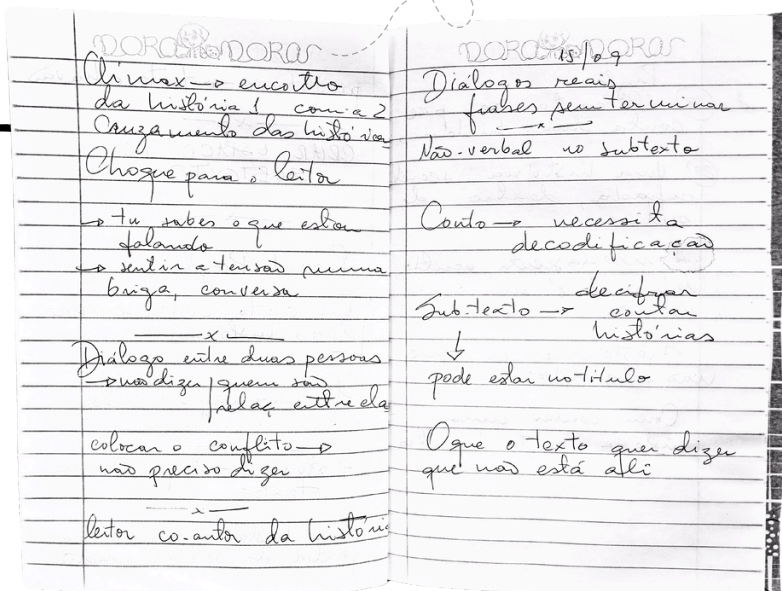
Foi quando caiu a ficha e Maria Luiza disse:

– Ei, *retrait* não é aposentado, é retirada; aposentadoria é *retraite*! Ah! *La mémoire*.

Pronto, assunto resolvido. Euros na carteira, Galeries Laffayette! É logo ali!

Agora o problema é outro, os euros não são suficientes... Fazer o quê? Olhar as vitrines, experimentar os perfumes, flunar um pouco mais...

Quem sabe um cafezinho no Café de la Paix? Afinal, Paris é sempre uma festa!



O relógio da Maria Luiza

Dizem que existe um relógio biológico que avisa as mulheres quando está na hora, ou quase passando da hora de ter um filho. Acontece com a maioria quando, por volta dos trinta e cinco anos, às vezes mais, às vezes menos, ainda não são mães.

Mas e as avós? Maria Luiza, na metade da casa dos sessenta, pensava se o tal relógio não funcionava também com as avós. Não que ela fosse do tipo chinelinho, coque, cadeira de balanço e tricô. Não era isso tudo, mas, quando caminhava no parque e via uma avó levando o neto para brincar na pracinha, dava uma vontade de empurrar também um carrinho de bebê, do seu bebê, claro.

Será que vou fazer parte do “Clube dos sem netos”, o clube que o Moacyr Scliar falava sempre nas suas crônicas? O tal clube, segundo Moacyr, era lotado de gente importante, mas e daí? O relógio da Maria Luiza, na tecla soneca, não parava de tocar.

Maria Luiza, uma avó do terceiro milênio, aposentada, sem maiores compromissos, entre outras atividades, ia às aulas do curso de línguas, ao cinema, às aulinhas de hidroginástica, lia bastante, fazia também seus trabalhinhos em tricô, crochê, *patchwork*. Até escultura Maria Luiza fazia. Sua professora de escultura falou que ela “levava jeito”. Não perdia um dedo de prosa (frase bem

antiga esta) com a vizinhança ou um chimarrão com as amigas nos finais de tarde. O genro dizia que Maria Luiza era uma “executiva do lazer”.

Numa dessas tardes, a filha chegou e disse:

– Vais realizar o teu sonho, vovó! Vais ter um neto lindo, e será um menino.

E Maria Luiza correu, providenciou roupinhas, chamou os amigos, avisou todo mundo. E, quando a filha chegou com o bebezinho no colo, a emoção foi a mesma do dia em que a filha nasceu.

O relógio da Maria Luiza agora nem desperta mais, o guri acorda a vó com o seu riso ou a sua gritaria, que Maria Luiza adora.

Vó é mesmo para mimar os netos, sabendo que há uma nova geração para continuar a sua história.



A Irmã Elvira

Anos cinquenta, cidadezinha do interior do Rio Grande do Sul, na fronteira com o Uruguai.

Marinalva e Maria Luiza no colégio das freiras, uma no primeiro ano, a outra no terceiro. Blusa branca, saia pregueada azul-marinho, um tope de fita na gola da blusa, sapatos pretos bem fortes (para durar) e carpins brancos, que era como se chamavam as meias naqueles tempos.

A professora da Marinalva não era freira, mas a da Maria Luiza era a Irmã Elvira, uma freirinha alta, brincalhona. Era muito jovem, Maria Luiza não percebia isso. Só via o rosto da professora, sem um fio de cabelo aparecendo, debaixo daquele véu preto, com outro branco por baixo, tudo muito engomadinho.

Anos setenta, as menininhas cresceram.

A Marinalva, arquiteta, morando na capital e a Maria Luiza, professora de Matemática, morando numa cidade do planalto, as duas agora bem longe da cidadezinha da sua infância.

Na escola, Maria Luiza fez muitas amizades. Conversadeira, falava com todo mundo. Gostava muito de conversar com a Zilda, professora de Português.

– Maria Luiza, quando eras criança, não estudaste num colégio das freiras, lá na fronteira? Tu e a tua irmã? Tens uma irmã mais nova, não?

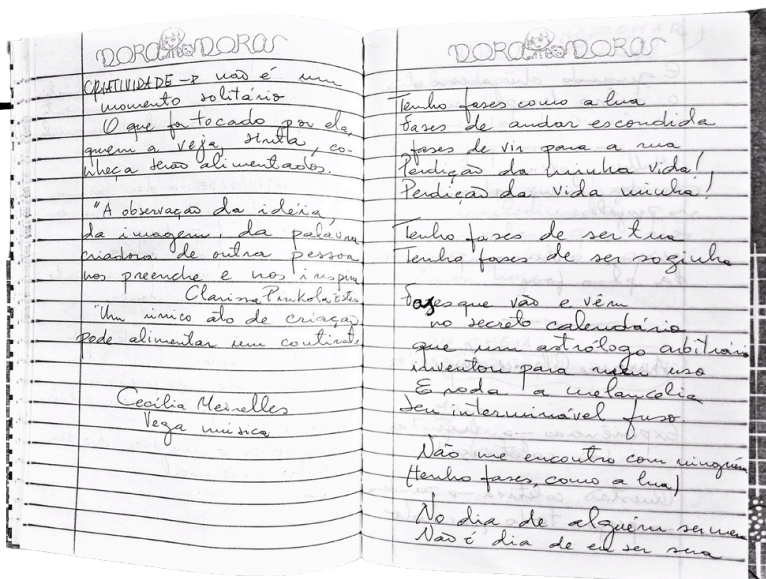
- Sim, claro, estudamos lá, desde o Jardim da Infância.
- A tua mãe não era professora no Grupo Escolar?
- Vocês moravam pertinho do colégio, não é?
- Sim, mas como sabes disso? Não sabia que eras de lá, pensei que fosses daqui mesmo!

Foi quando a Zilda disse:

- É que eu fui tua professora no terceiro ano.
- Impossível, lembro muito bem da minha professora do terceiro ano. Era a Irmã Elvira!

E a Zilda, agora falando bem baixinho:

- É que eu era a Irmã Elvira!



Pelos no nariz

da série “Histórias de avós”

- Vó, esta tua árvore de Natal tá muito velha!
- Ah! *Quéquetem*, guri? A árvore ainda está bem bonita, é só colocar uns enfeites novos, vais ver.
- É, mas tá velha.
- Tá bom, tá velha mas não parece. Tá bonita. É que nem a vó. É velha, mas não parece.

O guri levantou os olhos da árvore e olhou para a avó muito sério. Maria Luiza sentiu o que viria a seguir.

- *Shhtt!* Fica quieto, não fala nada! Não responde!

Ele levanta a mãozinha, toca na testa da avó e diz:

- É, aqui tu não és velha. Mas aqui, diz ele, tocando nas mãos e nos braços da avó, é sim, e tem também esses pelos no nariz!

E foram os dois juntos para o espelho.

- Mas olha só, pensa Maria Luiza. Não é que o guri está certo?

Manhã seguinte, shopping Praia de Belas.

- Bom dia, vocês têm aqueles aparadores de pelos do nariz?

A primavera acaba

A primavera acaba. Acaba no vento que desmancha os cabelos cacheados da menina. Vento que balança a cortina cor-de-rosa da janela da menina morena, morena rosa, cheirosa, de face rosada. Nas flores dos jacarandás que deixam um tapete lilás entre os livros da praça, a primavera acaba. Acaba na mesma praça com a volta dos livros para as livrarias. Acaba com o sino que avisa que eles, os livros, saem da praça onde autores e leitores partilham histórias, poesia, ilusão e vida.

A primavera acaba. Acaba nas primeiras flores do flamboyant que promete um tapete novo, agora vermelho, para o jardim da velha senhora que abre a janela para olhar o tempo no passar das horas. Tempo este que deixa dias mais longos, tardes compridas, preguiçosas, anunciando o verão.

A primavera acaba. Acaba na chuva que desmancha o tapete de flores do jardim da velha senhora, que deixa a grama mais verde, mas também enche o rio. A primavera acaba. Acaba na lágrima da mãe e no choro da criança que perde a casa que o rio levou. Acaba na promessa do telhado novo da casa nova do emprego novo do novo lugar para viver.

A primavera acaba. Acaba com o sol, agora mais quente, ardido nas costas da menina morena, morena rosa, cheirosa, de braços desnudos, carregando a mochila, indo para a escola, fazendo escolhas.

A primavera acaba. Acaba no domingo, dia de almoço na casa da mãe, de caminhada no parque, na beira do rio. Domingo de Gre-Nal, com a bola rolando e a torcida em delírio azul e vermelho.

A primavera acaba, mas acaba de leve, devagarinho, quase ninguém nota. Às vezes nem acaba. Continua, verão afora, no seu colorido de cores sem fim, no seu perfume de lavanda e violeta, de cravo e de rosa, anunciando o verão. Acaba com o joão-de-barro na porta da casa que ele fez para a amada, no ninho do sabiá no alto da árvore e no bando de papagaios que cruzam os ares e que até param na janela, naquela janela de cortina rosa da menina morena, morena rosa, cheirosa, de face rosada.

Crônica escrita na Oficina Literária "Porto Alegre soa assim", do Professor Rubem Penz.



Sonho de verão

Da janela do apartamento ela olha a cidade. A vista é linda, dá para ver o sol se pondo todos os dias, e é sabido que o pôr do sol do Guaíba é um espetáculo. Hoje ela espera ansiosa por esse momento. Não para admirar as cores do céu no entardecer, com as nuvens formando quase um quadro impressionista, que isso ela nem nota. Na verdade, anseia pela chegada da noite — quem sabe sobre uma brisa e diminua esse calor infernal.

Olha a rua calma, com pouco trânsito nessa hora, mês passado tão movimentada, cheia de carros — culpa da Dilma, com a ascensão da classe C aos bens de consumo, todo mundo tem carro. Menos ela, que veio do centro de ônibus.

Na calçada, pessoas com ar cansado, donas de casa com sacolas do Zaffari, mães com filhos pequenos vindo da creche — compra um picolé, mãe — os advogados do escritório ao lado, com o paletó no braço e a gravata na mão, que ninguém é de ferro para aguentar casaco com esse calor.

Até que não dá para se queixar, o ônibus não estava lotado e o ar-condicionado funcionava bem — pensa ela, tomando o suco que a mãe havia deixado na geladeira — e o chefe estava bonzinho hoje, até elogiou o meu relatório.

Bem que eu podia estar na praia, pelo menos não estaria neste calor *senegalesco*, como diz o vizinho do 402. Mas agora não dá, férias só no Carnaval (ela pensa, indo em

direção ao quarto). E as aulas começam cedo este ano, por causa da Copa. Ainda bem que é o último ano da faculdade, trabalhar e fazer o TCC não vai ser fácil. Se eu pudesse ir para a praia, pelo menos um fim de semana!

Tira a roupa de trabalho, veste um short azul curtinho, escolhe uma camiseta sem mangas, bem fresquinha, como diz a avó, amarra num rabo de cavalo os longos cabelos castanhos, com mechas californianas. Olha o espelho, com ar de aprovação, checando as mensagens no Facebook e convidando a amiga para uma caminhadinha.

– Quem sabe a gente encontra o Marcelo e o Guto na Redenção?

E as duas dão duas voltas no espelho d'água – que tal uma água de coco?

– Copo grande ou pequeno, amada? – pergunta a moça da água de coco. Ela chama todo mundo de amada, um sarro.

E sentam num banco, observando as pessoas no parque. Todo mundo parece mais feliz agora, que sopra uma brisa leve, gostosa.

– Será que os guris vão pra Capão amanhã?

E falam das delícias de estar na praia e de como sofrem por estar aqui neste “Forno Alegre”. A cidade ilumina-se para a noite, os bares da Cidade Baixa pouco a pouco começam a lotar. Os garçons atendendo os pedidos – um chope, por favor! Mais um! As meninas, agora no bar:

- Ei, olha lá, o Marcelo e o Guto.
- E aí, gurias, vamos pra Capão amanhã? A mãe liberou o apartamento.

Pronto, assunto resolvido, nada como um fim de semana na praia. Trânsito congestionado? Areia suja? Praia lotada? Que importa? Segunda-feira no escritório:

- Como estás bronzeadá!
- Fui para a praia com o Marcelo! O mar estava uma delícia, a água um pouco escura, é verdade, mas a cervejinha gelada e o Marcelo me passando protetor solar... não tem preço! Estou louca que chegue sexta-feira!

Crônica escrita na Oficina Literária "Porto Alegre soa assim", do Professor Rubem Penz.



Vida, verão, traição

Sabe aquele casal apaixonado? Que está sempre grudado, aos beijos e abraços? Pois assim eram o Alfredo e a Lurdinha. Um chamego só. O Alfredo cobrindo a Lurdinha de agradados, a Lurdinha só tinha olhos para o Alfredo. A vida deles parecia coisa de cinema, um filme de final feliz.

Naquele verão de 83, a Lurdinha foi passar uma semana em Cidreira com um grupo de amigos. Era a primeira vez que se separavam depois do casamento. O Alfredo não teria férias nesse ano, não era justo a Lurdinha deixar de ir à praia. Ela adorava um sol e um banho de mar. E o calor estava quase insuportável.

Mas, passados três dias, ela conseguiu uma carona e voltou para Porto Alegre, morrendo de saudade.

– Vou fazer uma surpresa para o Alfredinho.

Oito horas da noite, Lurdinha gira a chave na fechadura:

– Que estranho, o Alfredo no quarto a esta hora, bem na hora do Jornal Nacional que ele não perde por nada deste mundo?

Abriu a porta de mansinho e se deparou com a cena clássica, o Alfredo e a Neusa, sua melhor amiga, na cama! Na sua cama! Esfregou os olhos, não acreditando no que via e gritou. Gritou tão alto que toda a vizinhança ouviu e saiu para ver o que estava acontecendo.

– Calma, Lurdinha, não é o que tu estás pensando!

Mas ela foi empurrando os dois para fora da cama, do quarto, do apartamento, do jeito que estavam. Foi um escândalo! Nem precisa dizer que passou em claro a noite toda, chorando, furiosa com os dois traidores.

Dia seguinte, decidida, falou para as amigas:

– Vou contar tudo para o Juca, marido dela.

Apesar das opiniões contrárias, ela foi.

– Pouco me importa se ele é corno manso, se não der bola para a traição da Neusa, mas que ele vai ficar sabendo, ah, isso vai!

E o Juca ouviu tudo muito quieto, não pareceu surpreso, e convidou-a para jantar, mais tarde, para conversarem melhor.

O tempo passou. A Lurdinha e o Juca começaram a sair, os dois. Dentro de algum tempo casaram, tiveram uma filha, e estão juntos até hoje. Mas duma coisa Lurdinha não abre mão:

– Sozinha na praia, no verão, nunca mais!

O Alfredo e a Neusa? Pois não é que também vivem juntos até agora?

Como o “Quatrilho”, esta história também é “baseada em fatos reais”. E fica a questão: a Arte imita a Vida ou a Vida imita a Arte?

O anel da cigana e o pastel do mercado

– Opa! Tu por aqui? Que andas fazendo?

– Tudo bom, cara? Vim resolver um assunto no banco, mas... nem te conto. Olha só, eu estava indo em direção ao Banrisul, ali na Praça da Alfândega, e uma cigana veio atrás de mim: *Bamos a ler la mano, a ver la suerte? Hai una rubia en tu vida, no?* Na hora lembrei da Ritinha, o cabelo cor de fogo, sempre fugindo de mim. “Não, não acredito em ciganas, não quero saber do futuro, *gracias*”. Mas ela insistiu, sabes como são essas ciganas. E veio atrás de mim: *Deja-me ler tu mano, te asseguro que la rubia volverá para ti.*

– E aí, caíste na conversa da cigana? Embora estejas de olho na Ritinha, sei que sempre tiveste uma queda por morenas de olhos verdes, do tipo cigano, confessa.

– Verdade, e essa cigana era muito bonita, cabelos negros, olhos verdosos, pele morena, cheirosa... Quem sabe outro dia, hoje eu tinha pressa, não queria saber de conversa de cigana, por mais linda que ela fosse. Apressei o passo, mas ela correu, me puxou pelo braço e me deu um anel dourado com uma pedra verde. Colocou o anel na palma da minha mão, fechou meus dedos sobre ele e falou: *Guarda contigo, que vá te trazer mucha suerte!* Dei a ela uma nota de dez reais, fui ao banco e rapidamente resolvi meu problema. Tirei então o anel do bolso, olhei pra ele e pensei: “Pois não é que o anel me deu sorte? Deu tudo certo. Só falta encontrar a Ritinha, *la rubia de mis sueños*”. E guardei o anel.

- E aí, encontraste a Ritinha?
- Não, infelizmente. Saí do banco, até passei na Renner da Rua da Praia, onde ela trabalha, mas ela não estava.

Foi quando dei pela falta do anel. Virei os bolsos do avesso e... nada. O anel não estava mais comigo.

- Como? Perdeste o anel?
- Pois não é? Voltei, procurei por todos os lugares que eu havia passado, vasculhei as calçadas, os paralelepípedos das ruas, os canteiros da praça... nada. Não encontrei nada. Cansado e com fome fui até o Mercado Público para fazer um lanche. Não parava de pensar no anel da cigana! Onde estaria? Pedi um suco e um pastel. O suco estava bom. E o pastel... ah, o pastel era s-e-n-s-a-c-i-o-n-a-l! A massa crocante, excelente, mas o recheio... não vais adivinhar o que havia no recheio do pastel!
- Já sei, o anel! O anel estava dentro do pastel?
- O anel? Claro que não, cara. Como é que o anel ia estar dentro do pastel, se eu perdi o anel na rua? O pastel era de carne, cara, mas que carne! Macia, deliciosa, bem temperada! Acho que vou lá pegar outro pastel. Vem comigo?

De amor e ciúmes

Haverá horas lentas de ciúmes, e um silêncio angustiado sufocará as palavras que nos fariam negociar o perdão. – Antônio Maria

Observo disfarçadamente enquanto ela se arruma para sair. Vejo que veste a camisa branca de seda sobre o jeans justinho, inclina o pescoço para colocar as argolas douradas que lhe dei de aniversário. Senta na beira da cama e calça as sandálias de saltos altíssimos. No espelho, sombra nos olhos, batom vermelho e o *Light Blue* atrás das orelhas. Está linda, mas toda essa beleza, hoje, não é para mim. Sinto sufocar meu peito pensando nisso.

“Viste minha bolsa?”. “Está aqui, meu bem”. Mal sabe ela que eu já havia vasculhado sua bolsa, checado as mensagens no seu celular. Será mesmo da amiga aquela mensagem marcando um happy hour no Apolinário agora à tardinha, com as colegas da escola? “Antes das dez estarei de volta. Me espera para vermos juntos o filme do Woody Allen que peguei na locadora, tá?”

Tento não pensar que ela se diverte com outras pessoas que não eu, que ri de outras piadas que não as minhas e que outros, que não eu, sentirão o seu perfume.

Folheio desordenadamente o jornal, zapeio os canais da tevê, olho as publicações do Facebook. Nada me acalenta. Uma ideia começa a me passar pela cabeça: – e se eu for até lá?

Chamo um táxi: “No Apolinário, por favor, ali na José do Patrocínio”. Do lado de fora eu a vejo, colocando os cabelos para trás enquanto ri, feliz, de alguma coisa que eu não disse. Como é que pode? Percebo então que não há somente amigas, mas também um homem, ao lado dela, que, sorrindo, lhe serve uma taça de espumante. Claro! Como sou idiota! A mensagem no celular era dele, o safado!

Entro e vou até a mesa onde ela está: “Vim te buscar, querida, vamos?”. Ela, constrangida, me apresenta aos amigos: “Pessoal, este é o Flávio”. Mais nada, nem meu noivo, meu namorado ou meu marido.

Levanta, despede-se dos colegas com elegância, e me acompanha. Tento conversar, mas ela não responde. Em casa, apenas me avisa que irá embora no dia seguinte. Diz que está cansada de mim, do meu ciúme, das minhas cobranças. Fala que eu a sufoco! Eu? Se ela é o que eu mais amo no mundo, que o que eu mais quero é ela sempre comigo e feliz do meu lado! Ela não entende isso?

E ali ficamos, num silêncio total. Vazios de palavras, vazios de gestos, vazios de amor. De amor? Não, de amor não, mas vazios de perdão.

Crônica escrita na Oficina literária "Maria volta ao bar" do Professor Rubem Penz, lembrando o cinquentenário da morte de Antônio Maria.



sem título

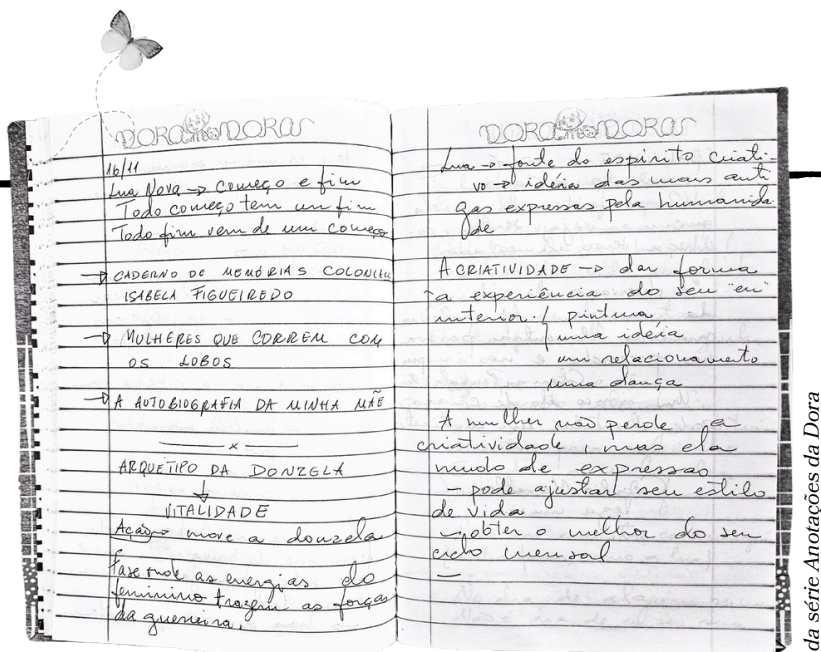
da série “Histórias de avós”

Saída da escola. Jovens mães esperando seus filhos. Hoje, a avó foi pegar o guri .

– Como foi a aula? Beijo pra vó!

Mãos dadas, o olhar doce do neto, a avó derrete-se toda.

- Sabe, vó, eu queria muito que tu fosses adolescente.
- Por que? Se eu fosses adolescente eu não seria tua vó!
- É que se tu fosse adolescente tu serias tão mais bonita!!!



Mulher bem-agradecida

Mulher diz uma frase que, perante as leis civis e religiosas, deveria instituir justa causa para anulação de matrimônio: “Vista um suéter, meu bem”.

Alice era uma mulher muito bonita. Bonita e bem-agradecida. Agradecia a Deus e a Santo Antônio o marido que a havia amparado quando mais precisava. Mocinha ainda, com um filho na barriga, vergonha da família, encontra Heitor, ex-seminarista, que casa com ela e assume a criança.

Agradecia mais ainda a Heitor. Lavava e passava suas roupas com carinho e perfeição para que ele, funcionário do Banco do Brasil, estivesse sempre muito alinhado, fizesse uma boa figura. Eram muitos os cuidados e agrados – não esquece o guarda-chuva, meu bem; pega o casaco que vai esfriar; coloca esta gravata que combina mais com a camisa azul. Alice sempre linda, perfumada, esperando o marido no final do dia. Casa impecável, jantar perfeito.

Heitor, achando tudo maravilhoso – Alice lembrava sua mãe, quando ele era criança, cuidando dele e dos irmãos. Uma lembrança distante, pois, vivendo no seminário desde muito novo, carecia de cuidados maternos e do convívio familiar. Agora tinham mais dois filhos, bem criados, uma família. Alice, tomando conta de todos. Controlando tudo. Heitor, aos poucos, virando seu filho mais velho.

E aí, as coisas, sutilmente, foram mudando. Heitor, cansado do amor sufocante da mulher, começou a chegar tarde do trabalho, não queria mais saber do jantar que ela preparava.

Cansara de ser mimado e controlado. Até o sexo ficou escasso. Alice, tão maternal, inibia o marido – quem gosta de transar com a própria mãe?

Foi então que Heitor conheceu a Zefinha. Nem era tão bonita assim, nem tão atraente. Mas ele caiu de amores por ela. Começaram a sair juntos. Zefinha não dava a mínima se a camisa de Heitor estava amassada ou se a meia não combinava com o sapato. E Heitor descobriu um outro mundo, no qual podia usar a roupa que quisesse, a gravata que bem entendesse, esquecer o guarda-chuva ou o casaco de lã. O jantar não era lá essas coisas, é verdade, mas quem se importa? E o sexo, com Zefinha, era bem melhor e bem mais frequente – ela não lembrava em nada a figura materna.

Dai para o divórcio foi um passo. O juiz até parecia conhecer os dois. Rapidinho, deu a sentença, nem tentou uma conciliação. E aquela, que era para ser uma história do tipo “felizes para sempre”, acabou.

Na saída do cartório, chovia a cântaros. – “Vou te dar uma carona de sombrinha até o carro. Vi que esqueceste o guarda-chuva. Assim podes pegar um resfriado”.

Crônica produzida na Oficina Literária "Maria volta ao bar", do escritor Rubem Penz. Esta Oficina foi organizada para lembrar os cinquenta anos da morte do cronista e compositor Antônio Maria.



Vou para Paris

- Decidido, Raul... Vou para Paris.
- Mas como? Assim de repente? E a Adriana?
- Ah, a Adriana! Não dá mais, cara, ela não está nem aí para mim.
- Mas como, Edailson? Vocês pareciam tão apaixonados!
- Disseste bem, "pareciam", no passado. Eu fui louco por essa mulher, só que acabou. Ela está sempre me humilhando, me botando para baixo, nada que eu faço a agrada, qualquer um que aparece é sempre melhor que eu. Chega! Cansei! Oh! Tá tocando o telefone, é ela.
- Atende.

Edailson ouve, empalidece, segura no braço do Raul, responde por monossílabos – sim, não, não é bem assim, você é que sabe. E desliga o celular.

- Viu só? Parece que eu estava adivinhando. Ela tem outro, disse que não me ama mais, que o outro, além de mais bonito – falou assim mesmo – disse que ele é mais bonito do que eu, mais alto, é rico, não vive contando os centavos para ver se a gente pode jantar fora e sei lá mais o quê. Deixei ela falando sozinha.
- Garçom, mais uma, por favor.
- Outra para mim também.
- Mulher é assim mesmo.

Passa um mês, toca o telefone.

- Edailson, sou eu, a Adri. Preciso te ver, falar contigo. Logo mais, pode ser?

- Adri!! *Ça va, ma chère!*
- Que é isso, falando francês, agora?
- *Oui, mon amour!* Estou em Paris, vim fazer aquele curso de História da Arte que te falei, lembra?
- Em Paris? Mas por que não me chamou? Eu gostaria de ter ido com você.
- Como? Você terminou comigo para ficar com um cara rico e mais bonito que eu.
- Ah, mas eu terminaria com ele e voltaria com você. Por sinal , já terminamos, por isso estou te ligando. Quem sabe vou te encontrar?
- Sinto muito, mas estou no Charles de Gaulle esperando uma pessoa. Vamos ficar juntos agora.
- Uma pessoa? Quem?
- Vou desligar , ele está chegando.
- Ele?

Edailson corre em direção à fila de chegada dos passageiros, acena para o amigo que vem sorrindo, echarpe no pescoço e uma mochila nos ombros. Os dois se abraçam.

- Raul! Fez boa viagem? Encontrei um studio di-vi-no para nós, perto da Place des Voges. Você vai adorar!

Bergamotas para Aninha

Angústia é o resultado da perda de intimidade de um homem consigo mesmo. – Antônio Maria

Passo meus dias sempre ligado. Mas não em mim, no que me acontece ou deixa de me acontecer, nas decisões que devo tomar. Fico ligado é no celular, sempre checando a caixa de e-mails, as mensagens. Não consigo desgrudar os olhos do Facebook, curtindo as postagens, respondendo a questões em que não tenho o menor interesse.

Fico curtindo textos enfadonhos, palavras soltas, vazias e, pasmem, até compartilhando coisas que nem leio, só vejo a foto e o título. Se for autoajuda, se estiver reclamando do governo, do preço do tomate, da novela da Globo, pronto, compartilho. Até novena para Nossa Senhora dos Jogadores de Futebol eu compartilho. Notícias do dia, protestos, gastos com a Copa, crimes, assaltos, de tudo isso eu sei. De tudo eu tomo conhecimento.

Só não tomo conhecimento de mim, do que eu preciso, do que eu sou ou do que eu devo ser. Sei que tenho de fazer as leituras do mestrado, que estou atrasado com as entregas para o meu orientador. Mas como dizer para mim que sou um relapso? Não consigo. Como me fazer entender que preciso me desculpar com a Aninha? Como explicar a minha irmã porque não fui ao aniversário dos gêmeos? Sou um estranho de mim mesmo. Como falar de intimidades a um estranho?

Pela manhã acordo, olho no espelho embaciado do banheiro e não me reconheço. Não sei mais quem é este homem de cabelos compridos que me olha com cara de espanto. E decido. Hoje me reconcilio comigo mesmo.

Abro as janelas para deixar entrar o sol e o ar frio deste começo de inverno. Vejo um menino que passa vendendo bergamotas. Lembro que Aninha adora comer bergamotas, principalmente num dia de sol e frio como hoje. Faço um café bem forte. O cheiro do café me ajuda a decidir. Chega de angústia, de dúvidas, de indecisões. Como dizia minha avó, "faça agora e arrependa-se depois, se for o caso". Recomeço as leituras interrompidas, faço anotações, a manhã passa rápido.

O telefone toca. É Aninha. Combinamos nos encontrar mais tarde, "preciso te pedir desculpas, meu amor". Ligo para minha irmã e digo que passarei lá no sábado para ver as crianças. Então me dou conta que não abri o Facebook ainda. Sorrio e deixo para mais tarde. Preciso cuidar dos meus assuntos, mandar o e-mail para o orientador, passar na livraria e comprar o "Cem anos de solidão" em espanhol que Aninha me pediu outro dia, cortar o cabelo. Troco de roupa e, ao me ver no espelho, percebo que estou com outra cara. Cara de quem retomou a vida. Quase feliz.

Saio para a rua. Cumprimento o porteiro, que me olha com ar de espanto: "Dia lindo, não? Adoro estes dias ensolarados de inverno. Acho que vou comprar umas bergamotas".

Diálogo existencial

da série “Histórias de avós”

- Vó, é verdade que quando a gente morre pode nascer de novo?
- Bem, muita gente diz que sim, que a gente nasce de novo depois que morre. Por que estás perguntando isso?
- Meu pai me disse. Ele falou que, se a gente tiver sorte, nasce de novo.
- Tiver sorte? Isso eu não sei.
- É, ele falou. Mas então, vó, depois que tu morrer, quando tu nascer de novo eu vou ser mais velho do que tu.
- Claro, meu amor.
- E eu vou cuidar de ti, porque tu vais ser pequena.
- Então já posso morrer sossegada.

Abraçada ao neto a vó lembra o que o colega Felipe Basso, da Oficina “Maria Volta ao Bar” publicou há pouco no Facebook: “A gente não sabe nada sobre as coisas de que tem medo” (Antônio Maria).



O sorriso de Olga

Não há nada mais antigo do que ser contra o sereno – Antônio Maria

Olga retira, silenciosa, a louça do jantar. Põe as crianças para dormir e olha a calçada úmida, iluminada pela luz amarela do poste. Pega o cesto da costura e senta na sala, ao lado do marido, que fuma e escuta o Repórter Esso. Tudo igual. As especulações sobre o crime da Rua Toneleros, o Lacerda acusando a polícia do Getúlio, a moça que apareceu morta na praia, as notícias de moda, o que vai se usar na primavera. “Preciso comprar uns figurinos novos para as freguesas escolherem os modelos”, pensa, enquanto ouve a tosse do marido.

“Para mim, a morte do Major Vaz é coisa do Gregório” – resmunga Laurentino, olhando a mulher curvada sobre o chuleado do tomara que caia da moça que mora no andar de cima. Observa-lhe o rosto magro, com os traços ainda belos daquela menina de sorriso de covinhas. Será que ela ainda tem as covinhas? Há muito tempo Olga não sorri. Passa os dias encurvada sobre a máquina de costura e as noites bordando os vestidos das madames. Bem que ele gostaria de dizer para ela não trabalhar tanto, mas o salário de funcionário público é pequeno. Sem o que ela ganha não dá para pagar as contas do armazém, o colégio das crianças. Menos mal que não pagam aluguel, morando no apartamento de dois quartos, no Centro, comprado pela mãe dela, há muitos anos.

Olga responde qualquer coisa. Não se interessa por política, mas comenta com o marido que viu n'O *Cruzeiro* o retrato do Gregório penteando os cabelos do Presidente – se é coisa do Gregório, será que o Getúlio não sabia?

- Vou comprar cigarros. Não demoro.
- Deixa para amanhã. Olha essa tosse!
- Já disse, não vou demorar.

Mas ela sabe, e ele também, que isso não é verdade. Sabe que ele não volta em seguida. Vai encontrar os amigos no bar. Laurentino não consegue passar um dia sequer sem o tilintar dos copos, a cerveja, o burburinho, a fumaça, a música. Lá ele se transforma. É outra pessoa. Esquece os problemas, a mesmice do expediente na repartição. Às vezes até canta, acompanhado pela moça loira de olhar lânguido e tristonho, com quem ele bebe uma Cuba Libre: *“Ninguém me ama, ninguém me quer, ninguém me chama de meu amor!”*.

Sabe que ele volta pela madrugada, naquela hora em que o sereno é mais forte. E ele sempre volta. Volta para seus braços cansados, seu corpo magro e seu sorriso de covinhas no rosto. Sorriso que ele não vê, mas que está sempre ali, quando ele chega.

- Pelo menos pega o casaco, Laurentino! Cuidado com o sereno!

Lembranças do tempo e do vento

O programa na tevê levou seu pensamento para muitos anos atrás.

Tarde quente de verão, parecendo mais quente ainda, ao olhar os desenhos que o sol desenhava nas sombras das folhas das árvores no pátio de casa. Mãe e pai sesteando, os irmãos brincando com ossinhos lá no galpão, que faziam as vezes de rebanhos de ovelhas, ou “botando as vacas”, como se dizia naqueles tempos.

A guria pensava – “Que chato, nada para fazer, será que a vó não vem hoje para o café da tarde?” Tão bom quando a vó chegava, tão bonita, ela mesma guiando a aranha puxada pela égua tordilha. Gostava da vó, do seu sorriso doce, seu rosto enrugado, seu cabelo grisalho trançado, as tranças fazendo um coque que a vó penteava quase sem se olhar no espelho. Sempre trazia um pão feito em casa, formato de boneco com olhos de feijão preto – “Não come o feijão, guria, é só de enfeite”.

Mas hoje a vó não vem. Com o calor, ela não aguenta os cinco quilômetros de estrada – mas cinco quilômetros é perto, não dá nem uma légua –, o tio disse que a avó anda cansada.

Na tevê segue o programa, diz que estão fazendo um filme lá pros lados de Bagé, aproveitando a paisagem das coxilhas na fronteira com o Uruguai.

O pensamento voa, a avó olha o neto, e lembra as brincadeiras nas ruas da cidade pequena. Naquele tempo as ruas não tinham calçamento. Nem calçadas havia. A criançada brincava de “bicho”.

– Mas o que é “bicho”? – pergunta o neto.

– Ora, bicho é o mesmo que brincar de “pegador”, como tu brincas no colégio.

E o guri:

– Vamos brincar de carrinho, vó, vem.

E ela vai, esquece de ver o que vão dizer sobre o filme, afinal ela já sabe toda a história do capitão Rodrigo, já leu todos os livros do Erico Verissimo.

Voltando ao passado, pensa na sua avó com seu coque grisalho guiando a aranha puxada pela égua tordilha, levando bonecos de pão com olhos de feijão para agradar os netos.

É o tempo e o vento e o vento e o tempo. E as histórias de avós e netos que se perdem no vento e se repetem no tempo.

Crônica escrita em 2013. Estava perdida, hoje encontrei e aqui está. Para quem não sabe, "aranha" é uma espécie de charrete com as rodas altas e um banco só.



Jogo do bicho

Junho de 1974. Sete da noite. Antônio chega em casa, dá um beijo na mulher, outro na filha, põe a mão no bolso e tira dali um maço de notas.

- Que é isso? Não é dia de pagamento nem nada?
- Ganhei no bicho. Deu a pomba, 576 na cabeça, acredita?

E chamaram os parentes para comemorar. Era uma boa quantia. Antônio ficou com uma parte, o restante repartiu com os irmãos e a mãe. Ele e a mulher tinham feito planos para comprar uma tevê nova. Os tempos eram difíceis e a grana curta. Uma tevê novinha, em cores, seria muito bom.

Mais tarde, já quase dormindo, Antônio ouve na Rádio Guaíba o resultado da loteria: “primeiro prêmio, 30566”. Cutuca a mulher:

- Viu só, eles erraram, é 576 e não 566.

Mas aí o sono se foi.

- *E se o Correspondente Renner estiver certo? E se for mesmo 566? Já reparti todo o dinheiro.*

Dia seguinte, 10 da manhã, o banco abre. Antônio estava trabalhando desde as oito (eu falei que ele era bancário?).

A primeira pessoa a entrar é Nicolau, o bicheiro com quem ele tinha feito o jogo.

– Seu Antônio, eu me enganei. Ontem deu 566 e não 576. O senhor precisa me devolver o dinheiro.

– Que é isso, cara? Não tenho mais, já gastei quase todo.

– Por favor, se o senhor não me devolver a grana, vou ficar no prejuízo. O patrão não quer saber, estou desesperado.

E os colegas de trabalho:

– Devolve não, a culpa não foi tua, quem mandou esse cara ser abobado, pagar sem ter certeza. Ainda por cima é jogo do bicho, ninguém pode reclamar nada. É ilegal, mesmo. Num país destes, onde todo mundo mete a mão no dinheiro dos outros, por que tu tens de fazer tudo certinho?

Antônio pensa um pouco.

– Será?

– Passa aqui logo mais, depois das cinco, Nicolau. Vou ver o que posso fazer.

Nicolau, os olhos arregalados, onde o branco do olho fazia sua pele negra ficar mais preta ainda:

– Pense bem, seu Antônio, eu tenho mulher e filhos para criar.

E os colegas:

– Pensasse nisso antes de fazer jogo do bicho. Por que não foi vender pipoca ou picolé? Não tens obrigação nenhuma de devolver o dinheiro.

Antônio então pediu licença ao gerente, explicou a situação e foi procurar a mãe e os irmãos.

A mãe já havia feito um belo rancho no armazém do seu Manuel, a irmã havia ido até a Casa Kalil e chegava, feliz da vida, cheia de pacotes. Muito aborrecidas, devolveram o pouco que havia sobrado. Faltava o irmão.

Antônio descobriu que ele não fora trabalhar e foi procurá-lo em casa. Encontrou-o de cama, gripado, ardendo em febre. Esse não havia gasto nada.

Quando soube que deveria devolver o dinheiro, a febre foi a quarenta graus. Antônio voltou ao banco, raspou sua conta bancária, mas mesmo assim ainda faltava dinheiro.

Procurou o gerente.

– Vou ter que fazer um “papagaio”.

(Para quem não sabe: “papagaio” é um empréstimo bancário; naqueles tempos os bancos não ofereciam dinheiro a todo mundo como hoje, mas isto não vem ao caso).

Moral da história: Nunca descobri, só sei que o Antônio acabou endividado e a mulher, bom, a mulher continuou a ver sua novela na TV preto e branco por muito tempo ainda.

Cobras () queridos, consultei as bases em Bagé e confirmei que lá todo número de final 76 é "pomba". Fazendo uma pesquisa de campo na vizinhança (Cidade Baixa), descobri que aqui em Porto Alegre o 76 também corresponde à "pomba" e que "pavão" é no Rio de Janeiro. Então, continua a "pomba". (Que delícia de discussão, saber se o 76 é pomba ou pavão!!!). Bom fim de semana a todos. Beijos da vó Dora.*



(*) “Cobras” era como chamavam entre si os membros da turma Master Class da Oficina Santa Sede de 2015, que participaram do livro “Cobras na Cabeça – Crônicas (ir)reverentes”, uma homenagem aos 40 anos de As Cobras, do Luis Fernando Verissimo.

Prazo de validade

Maio, mês do meu aniversário. O banco chama para dar uma “prova de vida”. Preparo os documentos que o banco pede, conta de luz, identificação. Examino a carteira de identidade. Ali estão todas as minhas informações: nome, filiação, naturalidade, data de nascimento. Então observo que, como nas caixinhas de remédio, data de nascimento é a data de fabricação. E me dou conta que minha data de fabricação é muito antiga. Vejo ainda que, ao contrário das caixinhas de remédio, há uma informação que não consta nos documentos: o “prazo de validade”.

De uns tempos para cá, desconfio que o meu está chegando. Mais ainda, que já chegou e não é de hoje. No dia do meu aniversário, todo mundo me abraçou e falou:

– Saúde! Muita saúde!

Quando alguém te deseja “saúde”, pode ficar certo: o prazo de validade já está vencendo. Ou tu ouvirias:

– Muito amor, sucesso, muitas felicidades!

Outro indício de que o prazo está no final é quando subestimam a tua inteligência. Ou a tua capacidade de aprender coisas novas. Outro dia encontrei uma antiga cabeleireira. Conversa vai, conversa vem, peço seu telefone e pego o celular para anotá-lo. A moça, delicadamente, me toma o aparelho das mãos e diz:

– Deixa que eu anoto para ti. Deves ser daquelas que não sabe anotar números no celular.

Apaguei o telefone dela.

E quando as pessoas começam a te dar conselhos de todo tipo? Prazo vencendo! E olha que não pediste conselho nenhum! Mas elas insistem:

- Precisas tomar dois litros d’água por dia.
- Por que não fazes um serviço voluntário?
- Deverias ir aos bailes da terceira idade.
- Não fazes palavras cruzadas?

Ou então:

- A senhora deveria ter um perfil no Facebook. Peça para sua filha fazer um.

E quando acham que já não podemos ir a determinados lugares? Tenho uma amiga que escandalizou a família quando foi assistir a “Cinquenta tons de cinza”. O filme era impróprio para a idade dela. Seguramente, minha amiga está fora do prazo de validade.

Isso tudo sem falar nas dores, nos males que nos levam aos consultórios médicos, às aulas de hidroginástica, às clínicas de fisioterapia. Uma noite dessas a fisioterapeuta me encontra no Apolinário, à noite, e diz:

- A senhora por aqui? O que faz a esta hora no boteco?

Pensei em dizer que resolvi sair porque perdi a agulha de crochê, que não consegui encontrar meus chinelinhos, que o sinal da NET caiu e não deu para ver a novela ou que vim encontrar um amante argentino. E o joelho, hoje, afinal nem está doendo tanto!

Mas não. Resolvo explicar que participo de uma Oficina Literária. Ela sorriu, mas me olhou de um jeito estranho que me fez pensar que eu estava no lugar errado. Complexo de inferioridade, a esta altura da vida? Ou é o bendito prazo que está vencendo?

Semana passada um casal de vizinhos comentou comigo que a filha tinha me visto no bar.

– Eras tu mesma? Fazes parte da Oficina Literária?

Digo que sim. Embora surpresos, eles sorriem, educados e gentis que são. Conhecem a Oficina. Têm um amigo que participa do projeto. Então decido:

– Vou esquecer esse prazo de validade. Vai ver ele já chegou e estou na prorrogação.

Guardo os documentos na bolsa, olho no espelho e coloco um batom carmin. Ensaio um sorriso e me dirijo ao banco para mostrar ao gerente o quanto estou viva.

Vocês vão gostar muito desta crônica que o Giancarlo Carvalho escreveu para mim. É a segunda parte de uma crônica minha, do nosso projeto Cobras (aquelas do Veríssimo, sabem?). Eu adorei e quero dividir com vocês. Boa leitura!!!



a seguir...

Facebook, 6 de junho de 2015

Vó Dora, Dora, Dorinha...

Texto de Giancarlo Carvalho, um presente e um complemento carinhoso à bela crônica da Dora Almeida.

De frente ao gerente do banco, Vovó Dora expõe os documentos pedidos: carteira de identidade, conta de luz, telefone, etc, etc. O olhar inteligente, vívido como o batom que usava, mirava o sisudo homem do outro lado da mesa.

– Prova de vida, certo? perguntou ele. Trouxe tudo? E, só pra garantir, a senhora está viva mesmo? – e solta um sorriso sem convicção. Desculpe, piadinha da casa, pra descontrair.

– Sem problemas, meu jovem, já vi e ouvi de tudo nessa vida. Inclusive piadas sem graça. A sua foi infame, mas boazinha, por isso vou sorrir, para confirmar que sim, estou viva. E abre um sorriso belo, cínico, alegre e conciliador.

– Ok, continuou o homem, sem graça como a própria gravata destoante. Desculpe, mas o tipo de conta da senhora exige essa formalidade. Temos conta jovem, conta normal e conta idosos, que é seu caso. Enfim, como anda essa vida?

– Tenho viajado muito, participado de atividades, físicas e intelectuais, teatro, academia, coisas assim, sabe? Saio com os amigos, participo de uma Oficina Literária – num bar, diga-se de passagem –, gosto de papear bastante pelo Facebook, já que o Orkut morreu antes da hora (e antes de mim, como podes ver). Vou ao cinema constantemente, até filme dito erótico eu assisti uns dias atrás. Aliás, achei

pudico e ruim demais... não mostra nada! Também visito meus médicos, por precaução, para ver se eles estão bem, vou à hidroginástica para esticar as pernas e, quando não dá para fazer pelo smartphone, vou ao banco, resolver probleminhas bobos e sem nexos. Como este, por exemplo.

- Opa, a senhora teve, digo, tem uma vida agitada, então – retruca o homem, fingindo que não ouvira o fim da frase.
- Sim, meu filho. Tenho sim. Mas fiz tudo isso nesta semana. E amanhã ainda é sexta, né?

Do lado de fora do banco, Dora abre a sombrinha – para manter a pele bonita – e em seguida tira da bolsa o cartão novo que recebeu do gerente. É mais bonito que o anterior, pensa. O nome no lado direito agrada: “Conta Jovem”. A inscrição logo abaixo do seu nome, do lado direito, embaixo, também: “Validade: muito tempo ainda”.

E com um suspiro gostoso, cheio de saúde, Dorinha entrega para o dia mais um daqueles sorrisos cor de carmim, vívidos e radiantes. E segue para casa, pois tinha ainda uma bela caminhada pela frente.

Esta crônica é da autoria de Giancarlo Carvalho, complementando a minha crônica “Prazo de validade”, escrita na Oficina Literária do professor Rubem Penz, na qual somos participantes. Muito obrigada, Giancarlo. Eu realmente amei este texto.



*Do blog doralmeida.blogspot.com
15/08/2015*

Aula de Matemática

Queridos, quando o Gian começou com esse assunto de cada um de nós contar um pouco de si, imaginei ser somente pelo lado profissional. Professora aposentada, não pensei em escrever coisa alguma, afinal o lado profissional já se foi há algum tempo. Mas hoje, Dia do Professor e Dia dos Marias, mudei de ideia e conto para vocês um pouco de mim.

Nasci na primeira metade do século passado, às vezes nem eu acredito, de tanto tempo que faz. Casei com Antônio em 1967, tivemos uma filha, Dóris, que alguns de vocês conhecem. Ela, junto com Moisés, me deram um neto lindo, Francisco, que vocês também conhecem e devem estar até enjoados de tanto que falo nele. O câncer nos roubou Antônio em 2001. Muito triste, mas a vida é assim mesmo. Continuamos a viver, com a saudade guardada em um cantinho que só a gente sabe onde é.

Aos dezoito anos eu já era professora, atividade que exerci de 1961 até 2004. Quantos anos? Nem sei mais fazer essa conta, apesar de ter ensinado a tabuada por tanto tempo. Trabalhei em várias escolas, no interior do estado e também aqui na Capital. Sempre gostei muito de apresentar às crianças os quadrados perfeitos, as formas geométricas, a beleza de um triângulo retângulo e as perfeitas relações entre seus lados, onde a soma dos quadrados dos catetos é sempre igual ao quadrado da hipotenusa; a fórmula de Bhaskara e os mistérios da trigonometria. Lembram de quando estudaram isso?

Mostrei aos meus alunos todos os produtos, desde os mais notáveis às frações mais ordinárias. Resolvemos problemas matemáticos, que, por sinal, sempre têm solução. Não são como os problemas da vida, por vezes muito difíceis, até insolúveis.

As letras entram na minha história por um gosto pessoal, desde a infância e a juventude. Penso que os livros nos levam para um mundo mágico, onde há de tudo e onde aprendemos tanto, onde viajamos e sonhamos.

Com a internet, descobri que algumas pessoas tinham um blog. Quê que é isso? Também quero. Comecei a escrever algumas histórias e postar no blog. Foi quando minha filha descobriu o Rubem num programa de rádio. O resto vocês já sabem e fazem parte deste novo mundo comigo. Mundo que me permitiu colocar meu nome e meus textos num livro lindo, o “Maria volta ao bar” e, agora, no livro das Cobras do Verissimo.

E, se os filhos pequenos de vocês um dia precisarem, a Vó Dora ainda consegue descobrir com eles o X da questão, ou o Y, quem sabe? Ou o misterioso número *pi*, que, sendo o resultado da divisão do comprimento de uma circunferência pelo seu diâmetro, vai ser sempre o mesmo, qualquer que seja o tamanho da circunferência. Como é que pode? E tem mais, nunca vai dar um número exato, então, para efeito de cálculo, resolvemos que ele vale 3,14.

Não falei que os problemas matemáticos sempre têm solução?

O acidente

Daiane não era muito religiosa. Era do tipo que vai à igreja só em batizados, casamentos e missas de sétimo dia. Também não sabia muitas orações, a não ser o Pai-Nosso e a Ave-Maria. A Salve-Rainha, por exemplo, que aprendera no colégio das freiras, esquecera por completo. Agora, a oração para Santo Antônio ela sabia muito bem:

Se milágres desejais, recorrei a Santo Antônio. Vereis fugir o demônio e as tentações infernais.

É bem verdade que ela só rezava a primeira frase, pois não dava muita importância ao demônio. Também não estava certa se queria fugir das tentações infernais. Desconfiava mesmo que talvez fosse interessante experimentar uma “tentação infernal”. De qualquer modo, todas as noites rezava para o Santo e lhe pedia um marido. Não precisava ser bonito nem rico, mas deveria ser gentil e carinhoso e apreciar um poema de Drummond.

Trabalhando numa empresa financeira, tinha mais colegas homens do que mulheres. Alguns muito atraentes, solteiros até, embora nenhum deles chegasse nem perto do homem dos seus sonhos. Ela desconfiava que sabiam de Drummond só o nome e que desconheciam suas poesias. Eram especialistas apenas sobre o índice da Bolsa, a alta do dólar, indicadores macroeconômicos, assuntos monótonos para Daiane, embora fizessem parte do seu dia a dia. Mas saíam muitas vezes para um happy hour e a conversa, invariavelmente, era sobre o trabalho.

Uma chatice, mas ela ia, um pouco para se distrair e também para, quem sabe, conhecer novas pessoas.

Numa noite dessas, Daiane foi com eles a um bar recém-inaugurado, do outro lado da cidade. Lugar lindo, acolhedor, boa comida, boa música, o vinho na temperatura ideal. Serviço perfeito. E, o melhor de tudo, nessa noite, deu sorte – conheceu Antônio Carlos. Sorriso franco, boa conversa, sensível e, inacreditável, conhecia e até sabia de cor muitas poesias de Drummond. Entre um cálice e outro, Antônio Carlos recitava:

*Quando nasci, um anjo torto, desses que vivem na sombra,
disse: Vai, Carlos, vai ser gaúcho na vida.*

Daiane estava nas nuvens. Nem acreditava no que estava acontecendo. Na saída, a noite de lua cheia convidava para um passeio pela calçada. Ao atravessarem a rua, um carro aproximava-se em alta velocidade. Ela só teve tempo de dizer “se milagres desejais”, e mais nada. Quando viu, estava do outro lado da rua. O impacto da batida fora muito forte.

Daiane levanta, apenas uns arranhões, nenhuma fratura e termina a oração: “recorrei a Santo Antônio”. Ela corre para o lado de Antônio Carlos, que continua caído no chão. Ele esboça um sorriso e, antes de fechar os olhos, termina o verso de Drummond:

*Eu não devia te dizer
mas essa lua
mas esse conhaque
botam a gente comovido como o diabo.*

Rondó de mulher só

Com alguma ansiedade, ela se arruma para sair. Pensa em ir ao cinema, quem sabe fazer algumas compras. Dá uma última olhada no espelho com ar de aprovação, pega a bolsa e dirige-se para a porta. No carro, liga o rádio e o som dos Beatles a invade. Sorri, cantarolando *Yesterday* e lembrando que ela e os filhos gostam das mesmas músicas.

No shopping, olha as vitrines, observa as tendências. Entra em algumas lojas, pensa em comprar sapatos novos. Não está precisando, mas adora sapatos, principalmente se forem vistosos e de saltos altíssimos. Compra o ingresso para o cinema, encaminha-se para a sala. É cedo ainda. Observa as pessoas ao redor, muitas sozinhas como ela, outras em pequenos grupos, poucos casais. Ninguém interessante. Talvez esperasse encontrar alguém, quem sabe alguém que a completasse, alguém que a entendesse, que a fizesse feliz. Alguém que a visse como uma mulher apenas, não exigisse dela outro papel que não o de ser somente uma mulher.

Começa o filme. É uma história de amor em que a protagonista imagina estar sendo traída pelo marido e resolve fazer o mesmo. "O amor é complicado", ela pensa. "Simples é o sexo, não exige continuidade. Se não há o amor, tudo acaba e pronto."

Saindo do cinema, dirige-se à cafeteria. Pede um *espresso* duplo. Corre o olhar em volta, imaginando o George Clooney lhe trazendo um café, mas o que vê é um jovem com o braço todo tatuado, que a observa com certo interesse. Desvia rapidamente o olhar: "Não, melhor sonhar

com o George Clooney”. Bebe seu café, pensa em passar no supermercado: “ Vou comprar um vinho”.

Já em casa, abre a porta, ouve apenas o silêncio. Não há ninguém. Um arrepio perpassa-lhe o corpo, fecha a janela. Observa o céu enfeitando suas nuvens com cores róseas, rubras, até sumirem finalmente em mais um pôr do sol atrás do rio. É a noite anoitecendo, o dia terminando, a vida vivendo e acendendo as primeiras luzes.

Liga a tevê, põe o vinho para gelar, prepara um jantar leve e arruma a mesa. Hoje vai usar a louça nova e os copos de cristal.

Abre o vinho e senta no sofá. Fazendo um brinde, fecha os olhos. Bebe lentamente. O sabor do vinho a leva para longe. Revê cenas de outros tempos. Cenas tão longínquas que parecem saídas de outra vida.

O marido chega, trazendo o vinho branco que ela gosta: “O que temos para o jantar?”. O filho a abraça com carinho, a filha pendura-se no seu pescoço, falando ao celular com o namorado.

- Vou sair com o Marcelo, mãe!
- Pai, preciso de uma grana!
- Não voltem tarde!

Coloca mais vinho no cálice. O telefone toca:

- É você?
- ...
- Sim, claro, vamos combinar.
- ...

Tio Elautério e a Democracia

Tio Elautério tinha uma visão de mundo muito particular. Principalmente em matéria de política. Votava somente em candidatos do seu partido, na época o PTB de Vargas. Morávamos numa cidade pequena, na fronteira com o Uruguai. A época das eleições movimentava a cidade. Menina ainda, eu acompanhava meu tio aos comícios para ver e ouvir os candidatos. E ele me dizia: “Esse é do PTB, é bom. Tomara que ele ganhe. Aquele outro é da UDN. Não presta. Agora, o pior é que, se ele ganhar, vamos ter que aguentá-lo até a próxima eleição. O Presidente precisa cumprir o seu mandato – é a tal da Democracia”.

Nas eleições de 1960 os candidatos a presidente eram o Jânio Quadros, o Ademar de Barros e o Marechal Henrique Teixeira Lott. Tio Elautério implicava com o Lott porque ele era militar e de outro partido. No entanto, como o vice era o João Goulart, do PTB, mesmo um pouco contrariado, votaria nele. Naquela época, diferente de hoje, as candidaturas a Presidente e Vice eram independentes.

Todos os candidatos visitavam a cidade em campanha política, o que era sempre um acontecimento. Junto com o tio fui até o campo da aviação (hoje aeroporto), receber o Lott e o Jango. Passando na frente das pessoas, cheguei até o Lott, que me abraçou e disse: “Precisamos dos votos das moças do Brasil”. Sorri, pensando que eu não votaria nele pois, muito jovem, não tinha título de eleitor ainda. E, que o tio não me ouvisse, mas eu gostava mesmo era do Jânio com a sua musiquinha:

*Varre, varre ,vassourinha
Varre, varre a bandalheira,
Que o povo já tá cansado
De viver dessa maneira.*

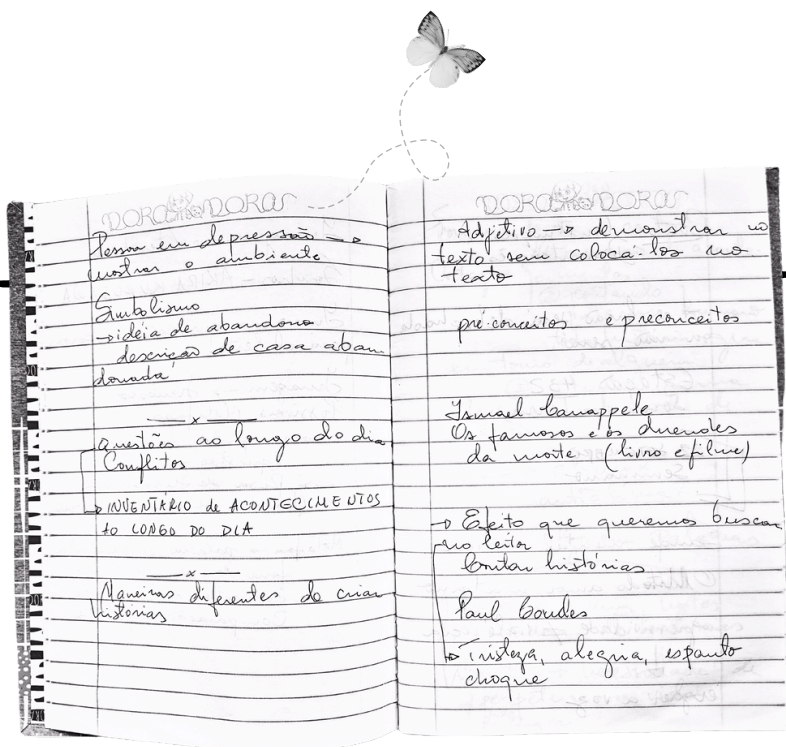
Jânio ganhou as eleições. Meu tio, firme em suas convicções, disse: “Agora o Jânio é o Presidente. Pelo menos, tem o Jango de Vice. Vamos respeitar, não tem jeito. É a tal da Democracia.”

Só que Jânio, antes de completar um ano de governo, renunciou ao cargo. Foi um deus nos acuda para o Vice assumir. Leonel Brizola, governador do Rio Grande do Sul, liderou um movimento, a Legalidade, e João Goulart assumiu a Presidência. Mas, não demorou muito tempo, o Presidente foi deposto, exilado, e começou o período sombrio da Ditadura Militar no nosso país, com seus desmandos e perseguições. Eleger outro Presidente? Nem pensar! E eu, que agora tinha idade para votar, não poderia fazê-lo. Meu tio não se conformava: “O Jango nem terminou o mandato e agora não tem eleições. Onde está a tal Democracia? E tu, gurria, que nunca votou?”.

E passaram-se quase trinta anos até acontecerem eleições presidenciais novamente. Professora, já aposentada, junto com minha filha nascida em plena Ditadura, em 1989 fomos votar para Presidente. Votei no Brizola, do antigo PTB, dedicando esse voto ao tio Elautério, que já não estava mais entre nós. Mas Brizola perdeu no primeiro turno. No segundo turno, votei no Lula, a quem Brizola apoiava, embora o chamasse de sapo barbudo.

Lembrando do tio eu pensava: “Se ele ganhar, vamos ter que aguentá-lo – o Presidente precisa cumprir o seu mandato”.

O Lula não ganhou dessa vez, mas ganhou nas eleições seguintes. Seu partido manteve-se no poder até agora, quando a Presidente Dilma Rousseff foi afastada do cargo para o qual foi eleita pela maioria dos votos do povo brasileiro. Fico pensando no tio Elautério: “O Presidente precisa cumprir o seu mandato – é a tal da Democracia”.



Meus 31 dias de Ernesto

Difícil saber se o dia está começando ou a noite terminando. O sono, fracionado, me deixa confusa. A noite é longa, entremeada de ruídos. Ouço as vozes dos enfermeiros e das companheiras de quarto, gemidos, luzes que se acendem a qualquer instante, portas que batem.

– Vou colocar o seu antibiótico, mas pode continuar a dormir. Quando terminar eu virei retirá-lo, não se preocupe.

– Está com dor? Vou trazer um remedinho para dor.

Não saberia dizer quantas horas havia dormido nem quantas vezes havia acordado. Mas sei que a noite está acabando – ou o dia começando – quando ouço a voz que sussurra no meu ouvido:

– Oi, vou medir sua glicose. Me dê o dedinho, faz favor.

Nada como começar o dia – ou acabar a noite – com um furo no dedo justo na hora em que o sono está tão bom.

– Sua glicose é 78, a temperatura é 36,9 e a pressão está 12,9 por 7,6. A senhora está muito bem hoje. Agora tome seu *Omeprazol* e o *Puran*. Em seguida meu colega vem lhe aplicar o antibiótico. Um bom dia para a senhora, que o meu turno termina agora.

Respondo o bom dia, agradeço os cuidados e desejo-lhe um bom descanso. E penso que a bactéria que se instalou

no meu pulmão é que vai bem. Resistente aos antibióticos, não quer ir embora. Quem sabe agora com o novo remédio?

Tento dormir mais um pouco, mas não consigo. O dia já começou. Em seguida a moça virá com o café. Tomara que não esqueça de me trazer água, pois só tomo café preto e ela sempre me traz leite. As companheiras gemem e se queixam, acho que estão em pior situação que eu.

Em seguida vem o moço do laboratório. Diz que vai “colher” sangue para outros exames. E eu que pensava que a gente só colhia flores! Mais uma picada. Ou várias, pois as veias, medrosas, teimam em se esconder.

Chega o café. E a água. Fico bem feliz. Nestes meus 31 dias de Ernesto aprendi a ficar feliz com um café preto solúvel. Logo eu, que em casa só quero tomar um Nespresso. Entra então uma linda enfermeira ruiva, cabelos cor de fogo (ela me falou que são naturais) e me diz que mais tarde virá me buscar para fazer uma tomografia. Aprendi que, no hospital, mais tarde é mais tarde, não se sabe quando. Pode ser dentro de dez minutos ou duas horas ou até mesmo à tardinha.

Pego o celular e respondo às mensagens de *whatsapp*, conto para minha filha como foi a noite, as novidades do hospital e também o filme que vi na Netflix na noite anterior. Ela me trouxe um tablet com internet e tudo para que eu me distraia. Vejo que está bem preocupada comigo. Diz que virá em seguida.

E assim vão passando meus dias e minhas noites de Ernesto, entre antibióticos e exames. Entre médicos e enfermeiros. Comparo a bactéria no meu pulmão com o Temer. Canso de dizer para ela: “Fora, Bactéria”, mas, do mesmo modo que o “Fora, Temer” que o Brasil todo grita e o Temer não ouve, ela se também se faz de surda.

O melhor momento do dia é quando aparece o Dr. Felipe, jovem médico de olhar doce e sorriso meigo, que me dá várias explicações sobre esta bendita pneumonia e suas complicadas complicações com nomes difíceis, também complicadíssimos, como “empiema”, por exemplo. E ainda responde a minhas mensagens de *whatsapp* – quando vens me ver? – e me tranquiliza. Fala dos próximos procedimentos e me pede paciência. Sempre diz que tudo vai dar certo. E deu!

Finalmente, depois destes 31 dias de Ernesto, entre idas e vindas, a boa notícia:

– Vais ter alta hoje!

E me mostra os exames. A bactéria foi vencida!

Mulheres da escrita

Sábado chuvoso. Bom para ficar em casa, filminho na tevê, aquela série interrompida. O livro começado, o bordado esquecido. Enquanto bebo distraída meu café, penso — não sei se vou nesse encontro de mulheres logo mais. Em seguida afasto esse pensamento — vou, sim. Vai ser interessante e vai ter escrita de mulher.

Fui. O endereço era numa casa velha, de esquina, perto do Parque. Paredes verdes como o nome — Casa Musgo. Por dentro bem bonita, roupas de brechó, um pouco alternativas. Lindos objetos de decoração. Será aqui mesmo?

Entro. A moça sorri e me indica, com um gesto, a porta à direita. O endereço estava certo. Uma sala moderna, contrastando com o prédio, mesas e cadeiras dispostas em semicírculo, um telão. Mais objetos, obras de arte e um pequeno grupo de mulheres conversando. Entro, apresento-me, as mulheres sorriem e me abraçam. A orientadora do grupo me recebe gentilmente.

Vários temas do universo feminino tratados, duas tarefas propostas. A primeira, fácil. Escrever alguma coisa sobre a mulher do nosso lado direito. Escrevo rápido. Será que ela vai gostar? Bastante jovem, me parece uma menina decidida, com muitos planos pela frente.

O segundo texto foi mais difícil. Foi pedido que escrevêssemos alguma coisa para nós mesmas. Da pessoa que somos hoje para a pessoa que fomos em outra época de

nossas vidas. De mim, em público, sempre falo amenidades. Dessa vez, também falei amenidades, claro, mas as recordações e a finitude do tempo me emocionaram. Minha voz embargou e meus olhos encheram-se de lágrimas (*).

Os textos foram lindos. E as mulheres, encantadoras. Havia-as de todos os tipos e todas as idades. Mulheres privilegiadas, inteligentes. Casadas ou não, com homens ou não, com filhos ou não, cabelos de todas as cores, tingidos ou não. Mulheres de muitos amores, lindas, por dentro e por fora. Mulheres que escrevem. E muito bem. Diferentes daquelas de Atenas, essas têm gosto e vontade. Qualidades e defeitos.

Em suas novenas não se recolhem, embora possam tecer também longos bordados. Têm seus sonhos, mas também têm presságios de um mundo em mudança. E ainda podem ser serenas nos seus propósitos.

E teve muita escrita de mulher, sim.

(*) Tudo culpa da Amélia que me levou para esse encontro. E da Leticia também.

Texto sobre a oficina de criação “Vai ter escrita de mulher, sim”, da escritora Lou Urbim, do Laboratório do Texto.

Mesmice

Maria cansou da mesmice.

Casa, trabalho; trabalho, casa. Tevê.

Criança que chora, que cresce, reclama.

– Todo mundo tem celular novo, menos eu. Só este velho que não usas mais.

Marido escarrapachado no sofá, barriga saltando pelo botão da camisa que já não fecha.

– Traz mais uma cerveja. Pega a de cima que está mais gelada.

Jornal Nacional, novela, futebol. Caldeirão no sábado. Mais futebol no domingo, dancinha dos famosos. Fantástico!

Vento soprando pelas frestas da janela que o marido não conserta. Noite de vento, noite dos mortos, dizia Maria Valéria.

Maria decide que não está morta. Consulta o saldo no banco. Nunca foi mulher de luxos, jamais gastou todo o salário. Seu décimo terceiro sempre foi direto para poupança. Filhos crescidos, não precisam mais dela. Marido, escarrapachado no sofá.

É agora.

Tira licença do trabalho e vai para a Capital. Aluga JK na Cidade Baixa. Se der certo, fica.

Novos horizontes. Novos amigos. Vida nova. Bares, cinema. Livros, teatro.

Nova Maria em suas novas roupas velhas de brechó. Cabelo azul. Novíssimo.

Noite dessas, chegando em casa, liga a tevê. Saudade nova. Dos filhos reclamando, do marido escarrapachado no sofá.

O vento zune pela persiana. Aqui também.

Olha as horas. Se se apressar, ainda pega o ônibus de uma da manhã.

A mesmice não cansou da Maria.

Caio agora

Só agora! Impressionante! Como vivi 75 anos sem conhecer Caio? Sei dos seus “Morangos Mofados”, mas nunca li. Sei alguma coisa de sua vida, que morava numa casa no Menino Deus, mas pouco mais que isso.

Começo a conhecer Caio agora, lendo suas “Pequenas Epifanias”. E entendi que todos temos nossas pequenas epifanias. Pequenas celebrações, pequenas conquistas, pequenas alegrias diárias que, muitas vezes, superam nossas tristezas mesmo que por alguns instantes.

Encontro lembranças minhas nos textos de Caio. Algumas longínquas como o barquinho de papel que parece com o meu, deslizando na sarjeta, lá em Dom Pedrito, nas minhas brincadeiras de criança em dias de chuva. Nos meus pensamentos ele carregava o soldadinho de chumbo para o seu encontro com a bailarina de papel. Só que o meu Soldadinho e a Bailarina tinham um final feliz, não se transformavam em um coração de chumbo derretido. Que história mais triste essa, *meudeus!*

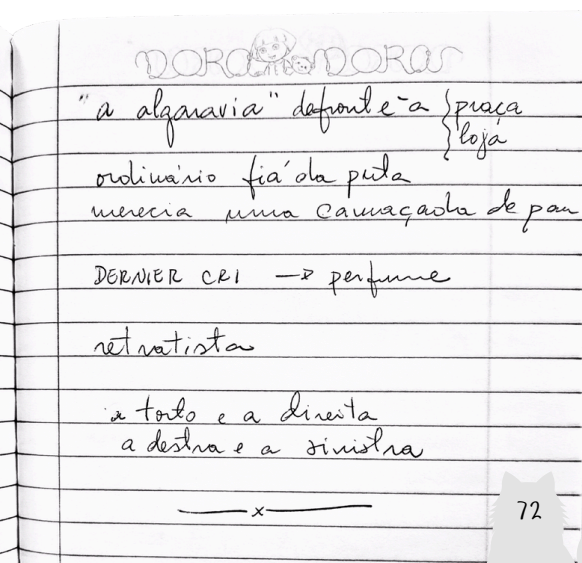
E a Tosse? Também para mim foi companheira inseparável por algum tempo. Quando ela chegava, vinha do nada, sem aviso, a qualquer hora. Por causa dela, quase fui expulsa do supermercado; outra vez saí do Guion na metade do filme. Agora, o mais *chic* foi em Paris, numa loja de perfumes na Rue de Rivoli. O acesso de tosse foi tal que a vendedora me encheu as mãos de balas e, falando *par ici s'il vous plaît, madame*, foi me conduzindo, gentilmente, à porta de saída. Minha amiga Madalena

deve lembrar disso. E por anos ela, a Tosse, vem e vai. A Tosse de Caio foi embora com ele. A minha voltará, infelizmente ela sempre volta. Sei agora que cada vez que eu tossir vou lembrar do Caio.

Como ele, eu também tinha uma caneta Parker 51 que manchava os dedos e a blusa branca do uniforme ou fazia um borrão no caderno, enfeando meus escritos. Como ele, nos meus textos eu também quero escrever *vezenquando*, não vez em quando, mas muitas vezes.

E, quem sabe, como Caio, um dia eu volto a Paris, e sento num banco à beira do Sena, defronte à casa de Camille Claudel, no Quai de Bourbon, 19, e também leio a placa "*Il y a quelque chose d'absent qui me tourmente*".

Sim, Caio Fernando Abreu, alguma coisa sempre nos faz falta. Te ler estava me fazendo falta.



A vida que segue

Meio-dia. O sol forte do verão queima a pastagem e estala os galhos das árvores ao redor do casario da estância. Chegado de véspera, José Carlos nem dormira direito, cansado demais depois de uma viagem de seis horas, três delas em estrada de chão batido. Levantara depois das oito, horário tardio para quem mora no campo, onde a lida começa ainda noite escura. Mas, depois do café com leite, do pão caseiro e da manteiga fresquinha, recém-batida, que a Engrácia lhe preparara, sentia-se revigorado.

Caminha então pela casa, pelo pátio. Lá estão os pessegueiros, as laranjeiras e o pé de lima plantado pela avó. Pensativo, senta num banco à sombra das árvores. Engrácia lhe traz um mate.

– *Gracias*, Engrácia.

A mulher ri do trocadilho e pergunta se ele vai se demorar dessa vez.

– Deve fazer uns cinco anos que não tiras uma temporada na estância.

– Não sei ainda. Tudo me lembra a vó. Sinto muito a falta dela.

– Todos sentimos, mas é a vida que segue. Dona Carlota sempre falava que continuarias o seu trabalho. Ainda mais agora que és doutor veterinário formado. O gado e toda a estância estão precisando de um trato.

Depois do almoço, a sesta debaixo das parreiras. O barulho das cigarras, o canto dos pássaros e o mugido dos animais embalam seu sono. Desperta com a conversa das mulheres da casa preparando uma tachada de goiabada.

– A gente faz do jeito que Dona Carlota fazia, Zé. Vais gostar.

– E a Rosinha, Engrácia? Que fim levou? O que é feito dela?

– Às vezes aparece aqui em casa. Sempre pergunta por ti. O menino está grande, quase na idade de colégio.

– Menino? Que menino?

– Sim, Rosinha tem um menino. Muito lindo. Rosinha se desdobra pelo guri. E cria ele sozinha. Ninguém sabe quem é o pai. Eu até tenho minhas desconfianças, mas ela ri e diz que eu não sei de nada. Deixa pra lá.

– Mas e o que ela faz para viver? Trabalha?

– No bar do Terêncio, lembra dele? Tem de um tudo naquele boteco, desde rinha de galo, jogo do osso, carteadado, bebida. Tá sempre lotado. O Delegado é freguês de carteirinha, dizem que até o Juiz e o Prefeito dão as caras por lá de vez em quando.

– E a Rosinha? Não é perigoso para ela trabalhar nesse antro?

– Nada! A guria se dá ao respeito. Sempre foi assim, desde pequena. E o Terêncio a protege, parece que ela é sobrinha dele. Ganha um bom salário, pois trabalha na cozinha e ainda serve as mesas, o que lhe rende um dinheirinho a mais. E a mãe, já velhinha, ajuda como pode, cuidando da criança.

José Carlos acende um cigarro e olha para as bandas da lagoa. Lembra-se da Rosinha, saindo nua das águas,

naquele verão antes dele ir para a capital. Nunca mais a vira. À tardinha, manda encilhar um cavalo e vai até o bar do Terêncio. Pede um pastel e uma pinga.

Rosinha vem servir e, ao dar de cara com Zé Carlos, derruba tudo no chão. Num relance lhe vem à mente as tardes quentes na lagoa, anos atrás.

É quando entra um castelhano mal-encarado, já passando a mão nas nádegas da moça que se abaixava para limpar o que havia derrubado. José Carlos segura-o pelo cangote e vai empurrando o tipo porta afora. Mas ele o desafia para uma partida de taba – o jogo do osso:

– *Se for suerte para usted, quédate con ella, pero, si for culo, yo me quedo con la chica.*

– Desafio aceito, mas não pela moça, que não está em jogo. Apenas para te dar uma lição.

E o jogo começa. O castelhano atira *culo* e José Carlos, *suerte*. *Suerte clavada*. Pega Rosinha pela cintura, colocando-a na garupa do cavalo, e se vão os dois. Rosinha passa em casa e chama o menino:

– Vem, Zezinho, vem cumprimentar o moço.

Zezinho, desconfiado, examina o homem com curiosidade e chega mais perto. A mulher observa os dois, o mesmo olhar doce e terno, os mesmos cabelos encaracolados, o mesmo sorriso. Eles se abraçam, os três.

Suerte clavada. É a vida que segue.

Algumas das páginas adiante possuem reproduções de imagens, devidamente identificadas com o nome do autor ou autora. Elas inspiraram as respectivas crônicas e contos escritos durante o módulo Mosaico da Oficina Literária Santa Sede. Nesta oficina, da qual a Dora participou de 2017 a 2020, os textos são produzidos tendo ilustrações ou fotografias como gatilhos criativos. Além destes, seguem outros textos, de outras oficinas.



Chico Pintado



Ilustração de Cynthia Torp

Entre um gole de café e outro, Elvirinha passa os olhos pelo jornal. As notícias de sempre, nada de novo. Parece que o país não tem mesmo solução. Mas, como dizia a avó, uma hora dessas as coisas melhoram. Hoje acordou pensando nela.

O cheiro do café, recém-passado, lembra o cheiro da sua cozinha. Sorri, pensando nos outros cheiros da casa. Os quartos dos tios, que já não moravam ali, cheiravam a naftalina, o quarto de banho exalava o perfume do sabonete dela. A sala de visitas, onde ninguém entrava, pois as visitas ficavam mesmo na cozinha ou na varanda, cheirava levemente a mofo. Na sala, tinha um quadro grande, vermelho, com figuras estranhas. A avó dizia que o avô comprara esse quadro dum pintor que passara por aquelas bandas. No quadro, a menina enxergava um homem vestido de palhaço, agora, ela vê um arlequim, talvez. Aos seus olhos de criança, poderia ser também o diabo. Parecia-se com os demônios dos painéis da sala de catecismo do colégio das freiras. Hoje, o quadro lhe lembra a avó, mas, naquela época, tinha arrepios ao olhar para ele.

Folheando o jornal, vê a nota de falecimento de Francisco das Neves. Lembrou logo. Era o Chico Pintado, amigo da avó. Chegava de visita quase sempre à tardinha, montado num tordilho branco. Lenço vermelho no pescoço, cabelos grisalhos, olhos muito azuis, o rosto coberto de sardas, daí o apelido.

Apeava, já pedindo um mate, e o mulherio ficava todo alvoroçado. Atencioso, trazia sempre um presente para a dona da casa, uma muda de planta de um chá milagroso que, garantia, curava todos os males, uma ou duas traíras pescadas há pouco ou até mesmo um vidro de doce de abóbora que sua mulher havia feito “ainda ontem”. A avó mandava primeiro servir o café, com tortillas polvilhadas de açúcar e canela, fritinhas na hora. Depois vinha o mate e a conversa rolava solta. Chico Pintado sempre o centro das atenções.

– Vem, Elvirinha, vem dar boa tarde para o seu Chico.

Mas a menina não aparecia. Ficava espiando atrás da porta, tinha muito medo. Diziam que ele virava lobisomem nas noites de sexta-feira, quando era lua cheia. A Engrácia jurava que tinha ido atrás do Tinhoso, uma vez, e ele arrancara um pedaço do seu xale. Na manhã seguinte, quando apareceu para tomar café, um fiapo do xale vermelho da Engrácia estava no dente do Chico Pintado. Engrácia caiu durinha no chão, passou três dias sem falar, até que a avó arrancasse a verdade dela. Além do mais, Elvirinha achava que ele talvez fosse o diabo do quadro da sala de visitas da avó.

– Vó, lobisomem e diabo é a mesma coisa? O seu Chico Pintado é lobisomem?

– Nada disso, guria! Seu Chico não é diabo nem lobisomem, não. Isso tudo é invenção da Engrácia.

Numa sexta-feira à tardinha, lua cheia despontando no céu sem nuvens, Chico Pintado chega à casa da avó. Elvirinha nem sentou à mesa do jantar, ficou na cozinha, com Engrácia, as duas tremendo de medo. Engrácia, nem tanto.

Mais tarde, depois das conversas de sempre, Chico dá boa-noite e se dirige ao quarto, no galpão, onde vai passar a noite.

Quase pegando no sono, Elvirinha ouve um barulho no pátio. Passos rápidos, risadas abafadas. A avó dorme a sono solto na cama ao lado da sua. Levanta. A curiosidade é maior que o medo. Vai até o galpão. Vê luz no quarto de Chico. Ouve música e vozes, será que ele já virou lobisomem? Coração saltando pela boca, espia. Chico, de pijamas listrados, dançando com Engrácia e as outras. Rindo e cantando. Espantada com a cena, Elvirinha tropeça. A porta se abre.

– O que tu fazes aqui, guria, acordada numa hora dessas?

Assustada, a menina corre para dentro de casa. Dobrando o jornal, Elvirinha toma o último gole de café. Olha, pensativa, para o quadro da avó, agora na sua sala, e sorri:

– Descansa em paz, Chico Pintado.



Crônica premiada e selecionada para publicação no 1º Prêmio Literário da Pessoa Idosa, do Ministério dos Direitos Humanos, em 2019.

Foi escrita durante a Oficina Mosaico 2017, da Santa Sede, do escritor Rubem Penz, a partir de uma gravura selecionada pelo curador da oficina, Gabriel Leszczinski.



No Facebook, tbt em 2019

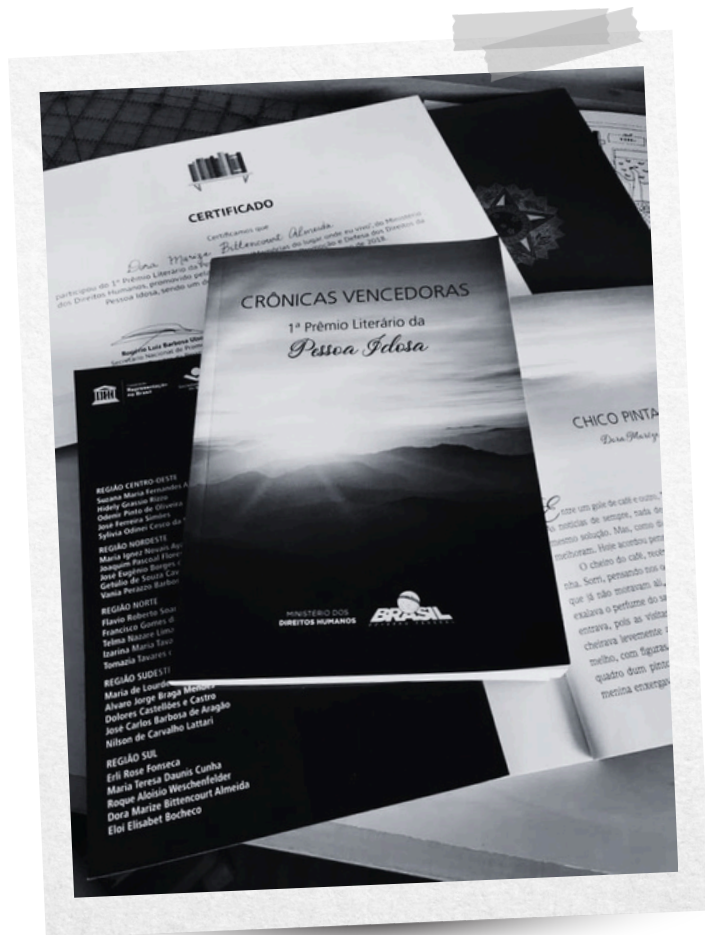




*Queridos, a cerimônia de premiação foi linda!!
Obrigada Rubem Penz e colegas pelo incentivo.
Fiquei bem faceira, me “achando”!!! Chegando aí
publicarei a crônica no Facebook para me exibir
um pouco. Beijão!!*



*21 de dezembro de 2018, Facebook –
Dora publica no grupo Santa Sede
Reserva Especial*



Este é o livro onde está minha crônica entre as 25 premiadas do Brasil!!



*Dora Almeida está se sentindo feliz.
24 de janeiro de 2019, no Facebook*

Esculturas da infância



Fotografia de Lia Zanini

Quisera esculpir-te em argila. Formar teu rostinho em todos os ângulos, em todas as expressões. Desenhar-te o sorriso, a gargalhada, também o amuo quando as coisas não acontecem como o esperado.

Quem me dera poder entalhar-te o liso dos cabelos curtos, que penteias apenas com a mão, a franja que por vezes te cai sobre a testa. Configurar teus olhos para que eu veja, refletida neles, a minha felicidade quando ganho um beijinho sem que eu peça.

Imprimir em tuas pupilas a alegria dos nossos encontros. Trabalhar tua boca e o nariz, o queixo voluntarioso. Ah, se pudesse também fixar no barro o som da tua voz!

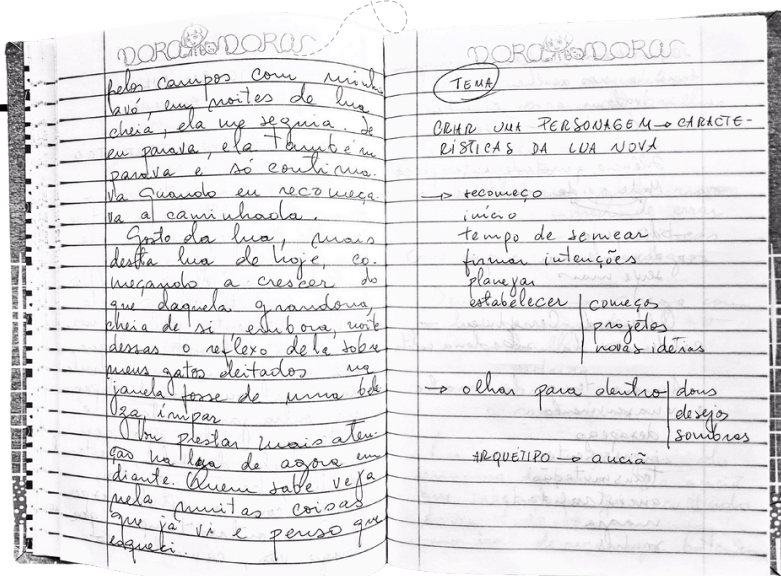
Cinzelar teus braços que me enlaçam o pescoço, as mãos ainda pequenas. Aquela sujeirinha das unhas, tão difícil de limpar. Mãos frágeis e ao mesmo tempo tão fortes que se encaixam nas minhas, bem apertadas, seguras, quando atravessamos a rua. Mãos que não machucam, que já sabem fazer um carinho.

Modelar teu corpo de menino, as pernas longas, os pés nem tão pequenos assim. Pés que já te levam longe. Estás crescendo muito rápido.

Seria uma obra-prima. Eu a colocaria sobre a mesa da sala para que as visitas apreciassem e tu, certamente, acharias muita graça nessa minha pretensão artística: Nem tá parecido – dirias.

Não serei capaz dessa criação, mas vamos rir muito e nos divertiremos com outras esculturas – as da minha memória que, espero, não se diluam no tempo. Tu me ajudarás nisso. E, abraçados, lembraremos das nossas conversas:

- Vó, faz um hambúrguer pra mim? Um hambúrguer de vó, viu?
- Coça minhas costas?
- Senta aqui comigo para a gente ver um filme? Mas não dorme, hein!



Aquarela

*Numa folha qualquer eu
desenho um sol amarelo /
e com cinco ou seis retas é fácil
fazer um castelo*

– Vinicius e Toquinho

– Vamos lá, guri! Hora de
levantar! A profe já está
esperando na escola! Hoje é

dia de fazer um desenho lindo, lindo, um sol bonito
pintado de amarelo, quem sabe um menino num castelo
que nem o Toquinho canta, o que achas? Escuta a música,
vamos cantar juntos?

O menino esfrega os olhos, enfia o rostinho no travesseiro,
depois senta e sorri.

– Pai, hoje eu não fiz xixi na cama, viu?

– Estás um mocinho, hein? Vamos nos preparar para sair?

E começa o ritual diário, banho, que roupa vamos usar, a
calça azul ou a preta, a camiseta amarela ou a vermelha,
será que faz frio lá fora? Café, Nescau, pão com manteiga,
um ovo quente. Pronto! Os dois fazem juntos sua primeira
refeição.

– Hoje é dia do brinquedo, pai.

– Grande coisa, todo dia é dia de brinquedo – Marcio ri.

– Não, pai, é dia da gente levar um brinquedo nosso. Quero



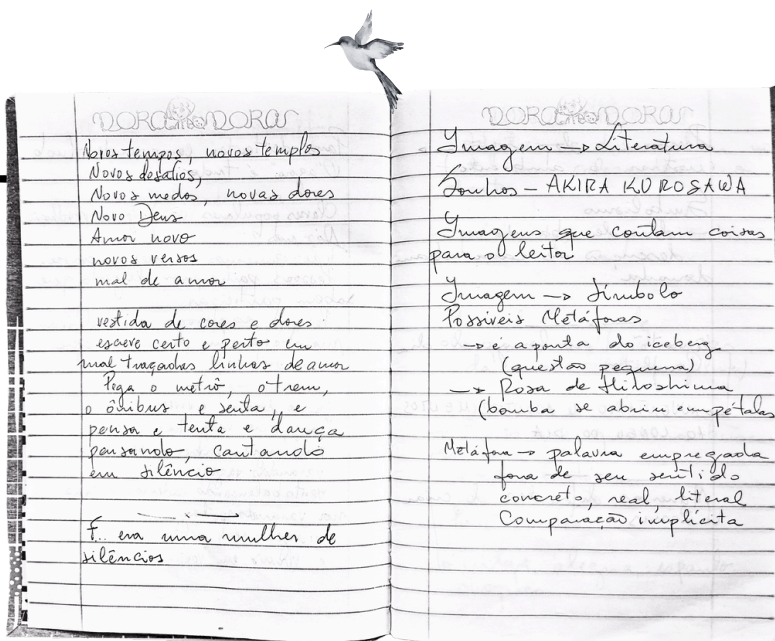
Fotografia de Mau Saldanha

levar o Fofinho, o urso que ganhei da vó. Ela falou que tu brincavas com ele quando eras pequeno, que nem eu.

Marcio vai procurar o brinquedo. Custa um pouco a encontrá-lo no meio da bagunça do quarto do filho. Pega o urso, desbotado pelo tempo, lembra de quando seu pai o trouxe numa viagem que fizera, e de como gostara do presente. Pena que o pai foi embora tão cedo.

– Pronto, o urso está aqui e o pai também – olha para o menino, feliz com aquele urso velho. – Vamos? – coloca o guri na garupa e seguem cantando juntos:

*Um menino caminha e caminhando chega no muro
E ali logo em frente, a esperar pela gente, o futuro está.*



Os Jorges

Em Paris, talvez eles fossem chamados *bo bos*, diminutivo de *bourgeois bohème*, em português, burguês boêmio. Termo usado lá com uma certa ironia, quando se fala de pessoas nas quais o discurso não condiz com o estilo de vida. Vivem economicamente à direita e votam à esquerda, uma espécie de esquerda caviar no Brasil.



Fotografia de Gilberto Perin

Pois aqui em Porto Alegre, me falaram outro dia que temos os Jorges. Não me perguntem o porquê da denominação, pois não consegui descobrir ainda. Diferentes dos bobos, não têm ideologia política. No entanto, como eles, são homens bem-nascidos, elegantes, usam roupas caras, vivem trocando de carro, sempre pelo último lançamento. Moram em bairros nobres da cidade, mas gostam de ir a lugares mais descolados, mais divertidos, e frequentados por pessoas de todos os tipos, como a Cidade Baixa ou o Centro.

Agem com ar de superioridade, muitas vezes com atitudes machistas e preconceituosas, depois voltam para seu bairro chique e sua vida sem preocupações.

Um desses Jorges é Átila. Bonito como ele só, tal qual um modelo de capa de revista. Vive na casa dos pais. Corre no

Parcão todas as manhãs. Passa grande parte do tempo na academia, malhando seu belo corpo de músculos muito bem definidos. Noite dessas, noite de Gre-nal, a pedida era assistir ao jogo em um bar ao ar livre na Cidade Baixa. A cada gol do seu time os Jorges gritavam, pagando bebidas para as meninas e, um pouco por isso também, delas julgando-se donos.

Final de partida, Átila pega uma das garotas, arrasta consigo e a leva para um motel. Mostra-lhe um par de algemas. Ela se sobressalta, mas consegue virar o jogo. Aproveitando-se de ele estar muito bêbado, convence-o a se deixar algemar primeiro. Ele sorri e aceita: “Depois é tua vez!”.

Ela chega mais perto, algema-o na cama, acaricia seu corpo nu e amarra sua boca com a fronha do travesseiro. Ele se debate, mas ela acena sacudindo as chaves e vai embora, não sem antes carregar com toda sua roupa.

Na manhã seguinte, o telefone toca no elegante apartamento do Moinhos de Vento. A governanta atende e chama Dona Licinha:

– É o Átila. Pede que a senhora vá pegá-lo neste endereço. E leve uma muda de roupa.

O canto da sereia



O pai lhe dera o nome de Ulisses. Professor de História, contava para o menino lendas e contos do mar e de sereias, seres que eram metade mulher, metade peixe. Muito belas, cabelos longos como os da sua mãe, ele dizia. Elas cantavam e encantavam os homens, atraindo-os para o fundo das águas para nunca mais voltarem. Contava também a história de Ulisses, marinheiro esperto. Ao passar pelas sereias, ele se fez amarrar no mastro do navio para poder ouvir seu canto e não ir ao encontro delas.

O menino sonhava conhecer o mar. O pai dizia que, ao longe, só se via céu e água, falava da delícia de caminhar na praia, navegar em seu pequeno bote e, à noite, dormir um sono tranquilo embalado somente pelo barulho silencioso das ondas. Nunca esquecia de mencionar a bela sereia que encontrara, só que essa o enredara em suas lindas pernas e viera com ele, não o levava para o fundo do mar. E sorria, olhando a mulher.

– Mas as sereias podem ter pernas, pai?

Moravam na periferia da cidade grande, um lugar feio e violento, vida difícil, salário atrasado. Isso não é lugar para criar uma criança, pensava o pai. Tinha medo, muito medo. Um dia não voltou, vieram avisar que levava um tiro sem saber por quê. Todo mundo andava armado agora.

– Vamos embora daqui, mãe, vamos para perto do mar, lá onde o pai morava, onde só as sereias são perigosas, mas eu me amarro numa árvore que nem o Ulisses. Talvez eu até encontre uma sereia de pernas bonitas, como o pai encontrou. Quem sabe?

Viajaram um dia inteiro, segurando firme suas sacolas e o pouco dinheiro que tinham para começar a nova vida. O menino, então, aprendeu sobre as marés e os peixes. A andar pela areia e catar mexilhões e mariscos. A mãe o ensinou a preparar o pescado do jeito que o pai fazia e à noite o ajudava com os deveres da escola. Depois sentavam na areia e olhavam o mar.

Ulisses cresceu sem esquecer as histórias das sereias e sonhava em ouvir seu canto. Naquela noite de lua cheia o mar estava agitado. Sentou na praia como sempre fazia. O mar cada vez mais revoltoso. Ulisses ouviu uma voz de mulher cantando e saindo das águas. Usava um vestido azul, comprido. Era a mulher mais linda que já vira. E, de repente, o mar serenou quando ela pisou na areia:

– Como te chamas?

– Clara.

Ulisses olha para a mãe na porta de casa. Ao lado dela, ele vê o pai sorrindo.

A vizinha do 503



Impossível não reparar na Cleonice, a nova moradora do Edifício Antares. Cabelos longos com mechas loiras, batom carmim, brincos iguais ao colar, como dizia Elis. Blusa justinha, os belos seios parecendo querer saltar pelo decote. Corpo bem feito, quadris largos, pernas bem torneadas, cheias de promessas na saia curtíssima e andar insinuante, equilibrando-se nas altas sandálias vermelhas. E o sorriso então! Sorria com os olhos, a boca, o corpo inteiro. Um sorriso sedutor, quase meigo, e uma voz doce falando para os vizinhos, estou morando aqui há pouco tempo, no 503 do bloco B, às suas ordens se precisar de alguma coisa.

Os homens logo se encantaram com a nova vizinha, abriam a porta dos elevadores, carregavam-lhe as compras do supermercado, as sacolas, enfim, só faltava que a levassem ao colo, que era o que muitos gostariam. As mulheres, nem tanto. Quando a viam pelo prédio, olhavam-se e comentavam em voz baixa, isto é jeito de se vestir, com essa calça legging entrando na bunda e marcando tudo?

Cleonice sorria, simpática, não dava a mínima para os comentários. Ficou amiga da mulher do Menezes, síndico. Marizete, sua vizinha de porta. O marido, chefe de família, homem de fé, frequentava a igreja, lia a Bíblia, mas não

era indiferente aos encantos da nova moradora. Seguidamente ajudava Cleonice em algum pequeno conserto doméstico. Logo passou para outro tipo de conserto e todas as manhãs ia ao apartamento dela, bem cedinho, com a caixa de ferramentas, logo que a esposa saía para o trabalho.

Dia desses, Marizete voltou para pegar a carteira que havia esquecido. O marido não estava. Ao chamar o elevador, ouviu risos no apartamento da vizinha. Parecia a voz do Menezes. A porta estava apenas encostada, ela entrou e deparou com a cena, os dois na cama. Foi um deus nos acuda. Menezes se explica, não é o que você está pensando. Ela sai, toma o elevador, deixando o marido só de cuecas do lado de fora. Cleonice, por sua vez, bate a porta e não atende aos apelos do amante que pede para entrar. Escândalo total.

No celular de Cleonice, a mensagem de Marizete – Te devo esta. Consegui me ver livre desse traste.

O gato de Virgínia

Festa estranha, com gente esquisita, pensou Edgar, ao entrar naquela casa, também um pouco estranha.



Ao som de *Black Magic Woman*, Virgínia, a dona da casa, dançava num círculo onde as pessoas batiam palmas numa cadência alucinante.

Cabelos crespos e ruivos, do tipo mignon, aproximou-se dele e o puxou para o centro da roda. Dançaram os dois até cansar, os corpos banhados de suor. Conversaram muito e se encantaram um pelo outro. Ela, um pouco mais velha, fazia um doutorado na universidade. Falou de sua pesquisa sobre as mulheres na Idade Média, disse gostar de magia e meditação. Ele contou do seu trabalho num escritório de Arquitetura e do sonho de ser arquiteto.

Todo mundo foi embora, mas Edgar ficou. A casa cheirava a sândalo. Na cozinha, ervas, chás e temperos. Edgar descobriu que Virgínia cozinhava bem e fazia um chá delicioso.

– Você gosta de gatos? Podemos morar juntos, aqui, nós três. Eu, você e o Lúcio, meu gato preto.

Edgar trouxe mala e cuia, o notebook e todo seu amor. Lúcio cheirou-o, esfregou-se em suas pernas, e saiu de perto, deitando no sofá.

– Ele vai gostar de você. Sabe que você me ama.

Mas o gato, presente o tempo inteiro, olhava para o novo morador de um jeito nada amistoso. Intrmetia-se entre os dois quando estavam juntos, pulando sempre no colo dela. Um dia, Edgar perdeu a paciência e chutou-o porta afora.

Virgínia não gostou, segurou Lúcio nos braços, lançando-lhe um olhar fulminante. A convivência foi ficando difícil. Edgar, sentindo-se em segundo plano.

Coisas estranhas começaram a acontecer. Cada vez que ele escorraçava o gato, uma gata, também preta, aparecia e os dois o atacavam. Virgínia afirmava desconhecer a gata, mas os felinos tanto arranharam o rapaz que ele desistiu. Iria embora. Virgínia, com o gato ao colo, observou-o sair, sem dizer nada.

Ele nunca mais a viu. Às vezes, passava em sua casa, mas não a encontrava. Deitados nos degraus, o casal de gatos.

O padre e a moça

Não tinha como não saber as horas na cidade para onde nos mudáramos há pouco tempo. O sino da Igreja tocava a cada quarto de hora. No início foi difícil conviver com as badaladas, mas acabamos nos acostumando.

Sete e quinze, te apressa, o relógio bateu uma vez. Não, foram duas vezes, são sete e meia. Estamos em cima da hora.

Na escola, a professora Cida me passou as turmas dela, pois iria trabalhar em outro lugar. Tudo tranquilo. Naqueles tempos, lecionar era bem mais simples e prazeroso. Durante o recreio, conheci o João, professor de Filosofia. Um tipão, loiro, alto, olhos azuis, era o centro das atenções, João pra cá, João pra lá.

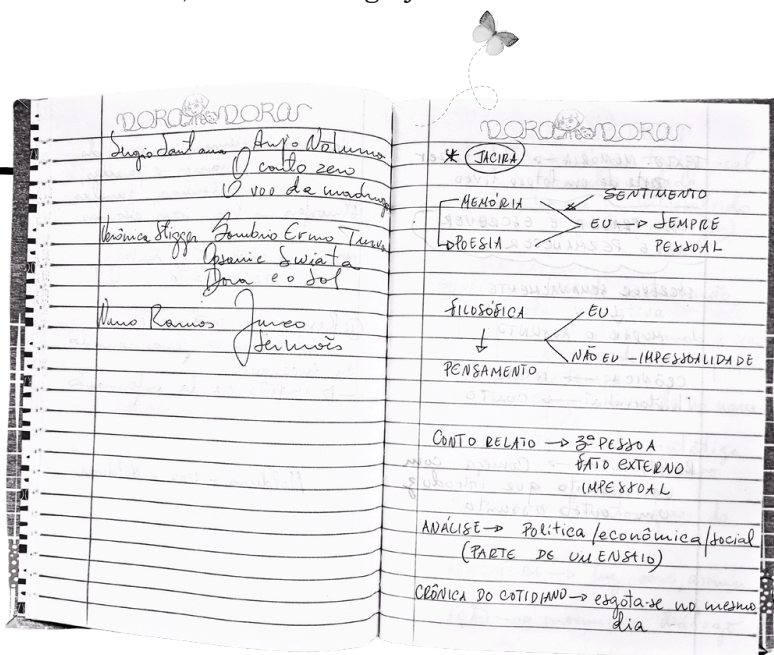
Depois das aulas, minha filha e eu íamos para a praça defronte à Igreja. Eu conversava com as outras mães, ela brincava com as crianças. Fazíamos novas amizades. O sino da Igreja bateu três vezes, quinze para as seis. Nesse dia, surpresa, encontro a Cida. Ela me conta que assistia à missa das seis todas as tardes. Bah, pensei, missa todos os dias! Vá gostar de missa assim, hein!



No jantar de fim de ano da escola, a Cida apareceu. Foi uma festa. “Venha, Cida, guardamos lugar para ti ao lado do João”. No final do jantar ele a levou para casa. Curiosa, perguntei sobre o casal. Sim, estão juntos, disseram-me. Ele prometeu casar logo que o Vaticano o liberar de seus votos. Fiquei estupefata com a história. Estava explicado o motivo da missa diária das seis da tarde.

Passados cerca de trinta anos, agora morando em outra cidade, encontrei uma antiga colega. Perguntei pelos dois. O João morreu há algum tempo. Viveu com ela toda sua vida, mas não casaram. Ele prometia, mas não conseguiu se desvencilhar do sacerdócio. No fundo, ele não queria, disse.

Cida está sozinha, mas todos os dias, quando o sino bate seis da tarde, ela entra na igreja.



da série Anotações da Dora

Até breve, meu amor



Nunca mais consegui parar de pensar em ti. Teu corpo bem feito, tuas longas pernas, o cabelo balançando ao ritmo da corrida de todas as tardes. Te observei durante muito tempo, tentei me aproximar, e tu, nada. Mal me olhavas e, sorrindo, ias encontrar outros rapazes. Sarados, musculosos, bonitos. Bem diferentes de mim.

– Vagabunda! Oferecida! Mas ainda vais ser minha. Eu sei esperar.

Naquele dia, estavas só. Por milagre, me acenaste. Sorri de volta, conversamos. Peguei tua mão e fomos para dentro do parque. Tentaste te desvencilhar, mas eu fui mais forte. Ninguém ouviu teus gritos. Deitada no chão, cobri tua boca, sufoquei tua voz:

– Não grita, não vai te acontecer nada. Vais encontrar o Senhor e serás perdoada de todos os teus pecados.

Rapidamente te despi, cheio de desejo, excitado com teu medo, teu olhar de pavor. O sexo nunca foi tão prazeroso como dessa vez. Saciado, apertei tua garganta. Ainda te debateste um pouco, mas logo ficaste imóvel. Tirei meu rosário do pescoço e coloquei-o no teu.

– Agora estás em paz, livre dos teus pecados. Perdoada.

Cobri teu corpo inerte com galhos de árvores, algumas folhas e fui embora. No dia seguinte, a mãe me olhou e deu falta do rosário. Falei que tinha perdido.

– É que deu no rádio que mataram uma moça no parque esta noite. E ela tinha um rosário no pescoço. Será o teu que ela encontrou antes de ser morta?

O povo ficou chocado com o que acontecera. Colocaram uma cruz no local e o transformaram num altar cheio de oferendas. E o tempo foi passando, o caso caindo no esquecimento. Pouca gente ainda falava no crime. Mas hoje a mãe resmungou:

– A polícia anda fazendo perguntas. Procuram um homem que foi visto usando um rosário no pescoço no dia em que aquela moça foi assassinada.

Peguei o casaco e fui até o parque. Fazia frio, pouca gente correndo por ali. O altar ao redor da cruz transformara-se num depósito de lixo. Muito triste.

– Não te preocupes, meu amor. Vou limpar um pouco este lugar antes deles virem. Estão bem perto. Não entendem que te tirei deste mundo para te salvar. É chegada a hora de ir ao teu encontro. Ouves os passos? São eles. Mas o revólver já está na minha mão. Até breve, meu amor! Vamos ser muito felizes. Por toda a eternidade.

Os sapatos do palhaço



Desde pequeno era o cara da piada pronta, do riso fácil, espirituoso como poucos. O pai queria que fosse advogado, como ele, homem sisudo, estudioso das leis, sempre encontrando nelas uma brecha para defender seus clientes. Sério, respeitadíssimo, ninguém entendia a quem o guri tinha puxado. Ao pai é que não era.

Ator nato, organizava peças teatrais na escola ou na garagem de casa com a criançada da vizinhança. Nas comédias ele era o diretor, o roteirista e também o ator principal, o que lhe garantia muitos aplausos. Fazia palhaçadas, mas nunca havia pensado em ser o palhaço, embora o pai o rotulasse sempre assim – em vez de palhaçadas deverias estudar mais, não vais ganhar nada com essas piadas sem graça.

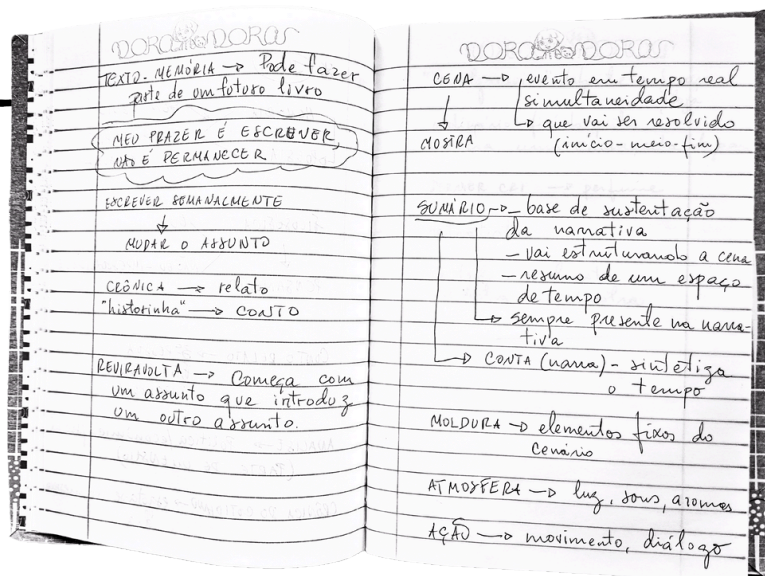
Um dia, com a chegada de um circo na cidade, o menino se encantou com a troupe. Começou a imitá-los. O dono do circo ficou sabendo da arte do pequeno morador e o levou para se apresentar no circo. Conseguiu-lhe uma roupa, mas faltavam os sapatos. Ele não teve dúvidas, pensou logo naqueles que o pai usava somente em ocasiões importantes. Eram de cromo alemão, pretos e de bico fino. Em seus pés pequenos ficaram perfeitos.

À noite, o respeitável público o aplaudiu de pé.

Na volta para casa, teve a infelicidade de tropeçar e cair numa poça de barro. Limpou como pôde os sapatos novos do pai, agora enlameados e praticamente destruídos. Dia seguinte, o pai procura o par para ir ao Fórum. Quando os encontra fica furioso – esse guri não vai ser nada na vida, imagina só, querer ser palhaço e ainda por cima destruiu meus sapatos de cromo alemão.

O tempo passou, o menino cresceu, trabalhou em circo, teatro, cinema e televisão. Ficou famoso. Não havia quem não o conhecesse e admirasse.

Final de ano, estreia de sua nova peça, Os sapatos do palhaço. Casa lotada. Na primeira fila, o pai, aplaudindo em pé e usando sapatos pretos, de cromo alemão.



da série Anotações da Dora

Sandálias vermelhas

O dia fora ruim. No banco da praça, Marcelino conta as moedas que carrega no bolso.



Fotografia de Alexandre Eckert

Uma mixaria, mal dava para comprar o pão que ficara de levar para o café da noite. Parece que ninguém quis comprar suas balas. E pensar que hoje daria a entrada na compra das sandálias vermelhas que a mãe tinha visto no brechó da tia Mariza!

Olha para os lados. O dia também não fora bom para os outros frequentadores da praça. Até seu Zé, o pipoqueiro, estava com o olhar desenhado, nem lhe dera o saquinho de pipocas de todos os dias, embora visse o menino de olhar comprido ao lado da carrocinha. Os parceiros do jogo de damas não vieram hoje. Pouca gente parando na banca de revistas.

Nem mesmo os amigos das moças de roupas apertadas, coladas no corpo, olhos sempre bem pintados e batom vermelho, apareceram. Elas rodavam pela praça, mas logo sentavam um pouco, só para descansar os pés metidos em sandálias de saltos muito altos.

Uma delas sentou ao lado do menino. Conversaram, ela lhe deu um pedaço de chocolate. Usava um lenço no

pescoço, combinando com as sandálias vermelhas. Marcelino comentou que estava juntando dinheiro para comprar um par dessas para a mãe. Ela gosta muito – disse. A moça sorriu, falando – quando eu não precisar mais delas, quem sabe te dou de presente e tu levas para tua mãe?

Em seguida levantou, acenou para o menino e foi andando pela praça com um homem que Marcelino já havia visto ali outras vezes. Acompanhando o casal com o olhar, viu quando eles entraram no prédio em frente. Será que ela mora ali?

Passado algum tempo, Marcelino ouve um baque surdo de algo que cai no chão, e um par de sandálias vermelhas rola até seus pés. Alguns metros adiante, o corpo de uma mulher. Aproxima-se. Apavorado, sem pensar, pega as sandálias e as esconde no moletom surrado. Foge rapidamente. Algumas quadras adiante, senta no meio-fio da calçada, com o coração aos pulos.

Aperta com força as sandálias vermelhas de saltos muito altos – ela não vai precisar mais delas.

Casa sem chão



Fotografia de Alexandre Eckert

Noé tem um carrinho velho, desses de supermercado, de rodas guenzas, que ele chama de arca pois também é sua casa, casa sem chão, sem paradeiro, que de casa com chão nem lembra mesmo, desde que Delaide o mandou embora, com razão, bebia demais, falava demais, brigava demais, respeitava de menos, mesmo amando demais não amava que chegasse, não, hoje só tem o carrinho sem carinho da Delaide, sem calor do seu corpo, sua nuca cheirosa, que saudade, hoje só o carrinho, sua arca sem bichos, sem bichos não porque tem o casal de cachorros, Mimosa e Vinagre, que tem esse nome para lembrar do cusco da sua infância que a mãe dizia, vai te deitar, Vinagre, dirigindo-se tanto a ele, Noé, quanto ao cusco quando a incomodavam na hora da sesta à sombra do cinamomo, hoje nem vê cinamomos nesta selva de pedra da cidade grande, onde as ruas têm árvores mas não tem cinamomos, até tentou fincar chão na praça florida mas a moça que agora manda na polícia não quer mais que se more nas praças, lá só pode andar se for com a roupa do corpo e a mochila, não pode estacionar muito menos ficar, oh vida difícil, não tem como viver sem sua arca, precisa para carregar latinhas e caixas de papelão, jornais que junta na rua depois vende e consegue uns trocados, também o cobertor fininho com que se cobre nas noites

frias e o saco de plástico para proteger da chuva, a muda de roupa que ganhou de presente e que troca, às vezes, quando consegue lavar a outra, o negócio é ir levando do jeito que dá, acaba que a polícia sempre dá uma trégua e faz que não vê, no fundo Noé sabe, é quase invisível, se não falar com ninguém, ninguém fala com ele, se não perturbar pode dormir até mais tarde desde que não seja em bairro chique diante de loja fina, dorme no centro da cidade, embaixo do viaduto é o melhor lugar, chega lá, conta o dinheiro da carteira, e hoje, suprema alegria, vê que vai dar para tomar aquela cervejinha, ri para si mesmo e pensa no outro Noé, o da Bíblia, que se embebedou com vinho, não sabia de nada esse Noé, pois uma cerveja gelada é muito melhor que vinho, senta no meio-fio da calçada, agora quase deserta, o corpo magro e musculoso de tanto andar e empurrar sua arca, dá comida para Mimosa e Vinagre mais algum outro cão que aparece que ração de cachorro não falta, sempre ganha um pacote, as gentes se importam mais com os cães que com as pessoas, pensa, abrindo sua latinha, estalando os beijos ao dar o primeiro gole, Delaide também gostava de uma gelada, quem sabe amanhã vai lá, pode ser que ela o deixe ficar, quem sabe arruma um serviço e encosta o carrinho no chão da casa dela e volta para seu carinho, sua cama, o calor do seu corpo, sua nuca cheirosa. Quem sabe?

Este conto também faz parte da coletânea "Quando o verbo vira trama", publicada em 2020 pela Editora Metamorfose.

Histórias para não esquecer



Velhos adoram contar histórias. Não fujo à regra, embora nem sempre encontre alguém disposto a ouvi-las. Histórias antigas, quase esquecidas. De um tempo que vai longe e está tão perto. De lembranças vividas, algumas sonhadas. Muitas, imaginadas. Memórias por vezes desencadeadas através de uma foto, um filme, uma canção. E aí se entrelaçam e vão tomando forma.

Eram tempos difíceis. O país enfrentava uma grave crise democrática e ameaça de um golpe militar. Na cidadezinha do interior os rádios permaneciam ligados, as casas iluminadas. A ansiedade era grande.

Sob a luz amarelada do alpendre, atentos, todos ouvem as últimas notícias. Muito chiado no rádio, muita descarga, como se dizia, entrecortam a voz do locutor. O jovem, quase um menino, chegara há pouco do quartel onde “servia a Pátria”, carregando uma mochila com roupas novas, casacão grosso, fardamento completo. Coturnos novos e meias de lã. A mãe, choramingando – para que tudo isso, *meudeusdocéu?*

Abraçado à namorada, ele responde: o quartel está de prontidão, mãe. Vão nos mandar para o porto de Rio Grande. As tropas do 3º Exército ainda não decidiram de que lado ficam. Se do lado do governador, que exige que a

lei seja cumprida, ou do lado das forças que não querem que o Vice-Presidente assuma no lugar do Presidente que renunciou. A mãe chora, todos se abraçam.

Dias difíceis, noites mal dormidas, ninguém sabia o que estava por vir. Na capital o povo tomou as ruas, houve até ameaça de bomba no Palácio do Governo. O governador levava a estação de rádio para o porão do Palácio e, com seu discurso inflamado, conclamava o povo a resistir e a fazer cumprir a lei. Os namorados, de mãos dadas, ouviam as falas do governador. Entre uma e outra, o rádio tocava: *Avante, brasileiros, de pé, unidos pela liberdade...*

Alguns dias mais tarde, com o apoio do General do 3º Exército, o Vice-Presidente assume. Mas o golpe militar foi apenas adiado e dessa história de resistência pouco se falou. Não apareceu mais nos jornais nem nas rádios durante muitos anos. Agora ela ressurgiu, fizeram até um filme! E algumas pessoas perguntam, espantadas: mas isso aconteceu? O povo foi para as ruas mesmo?

E os namorados? Ah, os namorados! Viveram seu namoro por mais quarenta anos. Ela ainda está aqui. Agora conta histórias. Vividas, sonhadas, imaginadas. De tempos outros que até mesmo o tempo esqueceu de lembrar.

Carpe diem

da série “Histórias de avós”

O telefone toca. Com um sorriso, atendo :

- Vó, tu vens almoçar aqui hoje?
- Bah, hoje não. Quero aproveitar o domingo para escrever.
- Não, tu tens que vir hoje.
- Por quê?
- Por que tu já tens pouco tempo de vida e depois que tu morrer a gente não vai poder mais almoçar juntos.

Dei uma gargalhada, conversamos um pouco ainda, ele me dá mais alguns motivos para eu comparecer ao almoço de domingo em sua casa. Claro, acabei concordando.

Carpe diem! Aproveitemos o dia! A vida! E o convívio!

O guri sabe das coisas!

De chuteiras e sapatilhas



Da janela do Teatro se vê grande parte da cidade. A rua comprida que vai até o rio, o estádio de futebol ao longe, os altos prédios do centro. A igreja e a praça.

Pensativo, Vladimir olha a rua movimentada. Lembra de quando morava ali perto, quase na beira do rio. Vizinho de Maria Louise, sorri e lembra dos dois ainda crianças, vindo para as aulas de balé no teatro. Ele, o único menino do grupo, tinha na menina a melhor amiga. Ela o incentivava nas aulas, principalmente quando as colegas e, por vezes, os pais delas sussurravam entre si, comentando o fato de Vladimir fazer aulas de dança, que *balé não é para meninos*.

Por vezes ele mesmo tinha dúvidas se estava no lugar certo, apesar de todo o incentivo dos pais. Dúvidas essas que logo se dissipavam ao começar a aula – *plié, passé, tendu*. O *pas-de-deux* com Maria Louise encantava a todos.

Na escola, começou a jogar futebol destacando-se dos companheiros. Seus passos de bailarino se adaptaram de tal forma à bola que rendiam gols espetaculares. Logo foi descoberto e, aos dezesseis anos, já jogava no Ponte Nova, um dos maiores times da cidade. Ficou conhecido como Vladimir, o jogador bailarino. A torcida vibrava com ele.

Mesmo com todo esse sucesso no futebol, não abandonou as aulas de balé.

Brilhava nas apresentações no Teatro. Seu grande sonho era o papel principal, com Maria Louise, na montagem d'O Lago dos Cisnes. Hoje veio o convite, precisa dar uma resposta. Os ensaios tomarão todo o seu tempo, como ficariam os treinos do futebol? Logo agora?

Maria Louise aproxima-se em silêncio. Ficam os dois abraçados longo tempo. Vladimir abaixa-se e lentamente descalça as chuteiras, colocando as sapatilhas. Pega Maria Louise pela mão e, como Príncipe Siegfried, dança, flutuando com a Princesa Odette a flutuar em seus braços.

Na página de esportes dos jornais do dia seguinte, a manchete: *Vladimir, o jogador bailarino, afasta-se dos gramados*. Perde o futebol e ganha a dança.

Pancho e eu

Hoje me lembrei do Pancho.

Do dia em que o encontrei na rua, molhado e tremendo de frio. Enrolei-o no cachecol que estava usando, fomos para casa e cuidei dele. Foi um caso de amor à primeira lambida.



Desde cedo revelou-se um grande companheiro. Deitava-se aos meus pés enquanto eu estudava, esperando-me no portão de casa, todos os dias. Lembrei-me dos nossos passeios, das longas caminhadas, das corridas no parque. De como ele me puxava para ver o que havia atrás das moitas ou como cheirava todos os postes e troncos de árvores.

Aos domingos íamos até o píer, ali eu sentava e ele, pacientemente, esperava eu terminar de ler ou de conversar com alguém. Era nosso lugar predileto. Por vezes, fechava meu livro e comentava com ele sobre as pessoas em volta, se exercitando, fazendo fotos, que o lugar era bonito mesmo. Sim, sou desses que conversa com cães, e a conversa com Pancho era sempre produtiva.

Olhávamos as nuvens e a cor do céu, refletido nas águas.

Às vezes vínhamos pela manhã, outras à tardinha. E assim como as águas do rio, que nunca são as mesmas, nossos passeios eram sempre únicos, embora nos mesmos lugares.

Cada dia uma novidade, uma brincadeira, um amigo novo. Passo hoje pelo píer, vejo um homem com seu cão e sinto uma imensa saudade. Saudade de Pancho, saudade de mim, saudade de nós. Saudade de outros tempos.

Sento ao lado do homem e começamos a conversar. Conto de Pancho. Ele sorri e me mostra um cão abandonado que há dias anda perto do rio.

– Olha lá, será que não é Pancho que está mandando esse outro amigo para você?



Tempo, Tempo, Tempo



Fotografia de Carlos Eduardo Vaz

*Fica guardado em sigilo,
Tempo, Tempo, Tempo, Tempo,
Apenas contigo e comigo.
Caetano Veloso*

O ranger estridente do portãozinho, há muito fechado, doeu em seus ouvidos. A lembrança do jardim de antigamente domina seus pensamentos. Olha para os lados procurando em vão pelas rosas, os girassóis, os pequenos canteiros de violetas. As *bougainvilles* derramando flores sobre a cerca na chegada da primavera. As alamandas. Nada. Só mato, ervas daninhas. O inço tomando conta. Fecha os olhos, parece enxergar a avó curvada sobre os canteiros. Regando, podando, trocando as mudas de lugar.

Chave na fechadura, custa a abrir a porta. Sente um bafio de umidade, cheiro ruim de lugar abandonado, lugar que já foi. Não é mais. Sobe as escadas. Seus passos ecoam na penumbra da casa vazia. Entra nos quartos, abre os armários. Poucas roupas, roídas de traças. As cortinas empoeiradas, as camas desvestidas. Onde foram parar as colchas de retalhos coloridos feitas pelas tias?

De cima, sorri e se vê escorregando pelo corrimão – *Isso não é coisa de meninos*. Desce direito, pelos degraus.

Resolve obedecer à ordem de anos atrás e desce devagar, degrau por degrau. Afinal, o tempo de meninice já passou. Tempo, tempo, tempo. Na sacada encontra, caído, o vaso onde a avó cultivava uma plantinha sempre cheia de pequenas flores azuis. Levanta-o com cuidado e o coloca no peitoril da janela. Talvez a plantinha tenha deixado algumas raízes.

O sol entra pelos postigos entreabertos. Ainda pendurado na parede, o retrato antigo dos bisavós. Ela, olhar doce, esboçava um leve sorriso, mas ele, ar grave, enormes bigodes, parece que já ia chamar a atenção de alguém ou dar uma ordem. Tinha um pouco de medo daquele bisavô que nem conhecera. Na sala, poucos móveis, uma poltrona com as molas saltando pelo forro rasgado, algumas almofadas pelo chão. O tapete roído encostado num canto, tudo coberto por grossas camadas de pó. Algumas cadeiras quebradas e a grande mesa de jantar. A mesa! O almoço de domingo, as brincadeiras das crianças. As histórias que a avó contava. A ajuda com os deveres do colégio. Quanta vida vivia ao redor daquela mesa!

Escolhe uma das cadeiras, passa a mão para tirar um pouco da poeira e senta com cuidado. Pensa no que fazer com a casa velha que agora é sua. Aceita a proposta da construtora de trocá-la por um belo apartamento no prédio moderno que ali será construído? Ou fica com a casa, faz algumas reformas e vai viver nela? Observa a mesa. Bonita, com entalhes nas beiradas, embora cheia de ranhuras. No centro, alguma coisa de cor azul chama sua atenção. Parece um papel, um pedaço de pano, talvez. Levanta, olha melhor e lágrimas lhe escorrem pelo rosto.

É uma pequena florzinha azul, linda, cheia de vida, que brotou naquele lugar inusitado. Será um sinal, um recado da avó? Com cuidado, planta a flor no vasinho da janela.

O marido chega.

– Então, o que resolveste?

– Temos muito ainda o que viver aqui. A casa já foi, mas ainda será.



~~Amor~~
~~Amor~~ ~~amor~~
Vida vivida com calma. Paz e tranquilidade.
Amor como sempre tinha sonhado, amor amado,
(havido) ~~sempre~~ ~~uma~~
Amor amado. Fins de tarde, ~~uma~~ ~~uma~~
taça de vinho, conversas no sofá. Dites
quentes e cheias de ~~paixão~~. ~~sempre~~ ~~os~~
Amor sufocante. ~~Adivinhando todos os~~
~~Pensamentos do outro, que, q~~
dia percebe que já não pensa
sozinho, já não fica sozinho, já não
vive sozinho. E vem uma saudade
grande de si ~~mesmo~~ ~~de~~, uma
saudade de estar só, de sair só
necesso de ver outros alguém.

Fumaça na enchente

Com temporais e chuvas, enchentes e que tais em Dom Pedrito, minha cidade natal, lembrei da história da Fumaça, que minha mãe contava. Claro que não vou perder a oportunidade de contar para vocês, neste texto que escrevi ano passado.



Chovia há quase uma semana e o ranchinho da Fumaça - feito de lata - balançava com o minuano que quase não dava trégua. Naquele dia, aproveitando uma estiada do tempo ruim, Fumaça foi na venda do Nicolau e comprou um maço de cigarros e uma garrafa de cachaça.

– Só bebendo, Nicolau, pra aguentar um tempo desses. Será que vamos ter enchente?

De nome Maria do Rosário em homenagem a Nossa Senhora – era conhecida como Fumaça -, andava sempre com o pito nos beíços; dizia que era pra se distrair, não pensar em coisa ruim. A fumaça do cigarro escondia seu rosto miúdo, de feições suaves e delicadas e expressão de tristeza conformada. Nascida em Rosário do Sul, viera para Dom Pedrito ainda menina, sem nada de seu, só com a roupa do corpo, que nem tinha outra para usar. Fazia um biscate aqui, outro ali, lavava uma trouxa de roupa de vez em quando, limpava alguma casa na cidade e a vida

seguia seu rumo. Teve dois filhos que deu para criar, e agora vivia sozinha no seu ranchinho de lata na beira do rio. No mais, era um dia de cada vez, se alegrando quando ganhava uma cevadura de erva para tomar um mate na porta de casa. Um catre num canto para se deitar, um pelego para se aquecer nos dias frios, um fogão de tijolos, uma panela de ferro e uma cambona para aquecer a água - o que mais poderia querer?

Dessa vez a chuva estava demorando a passar e o rio já começava a subir. De nada adiantariam a reza e a vela para Santa Bárbara ou a queima das folhas que o padre lhe dera na igreja, no Domingo de Ramos. Nem mesmo a cruz de sal no caixote que servia de mesa, como vira a mãe fazer quando ela era ainda criança.

Quando a enchente chegou, ela subiu no telhado. Pelego nas costas e garrafa de pinga debaixo do braço. Era tanta água que a casinha saiu do chão. Virou canoa no meio do rio. E Fumaça lá em cima.

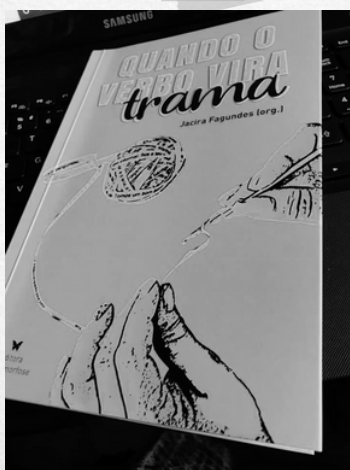
– Desce daí, Fumaça. Vou mandar um bote te pegar!
– Não carece, Nicolau. Vou-me embora pra Rosário, pra o que eu trouxe, muito leve. Cheguei sem nada e agora levo uma casa.

Um raio clareou o céu, a casa-canoa sumiu nas águas. Até hoje, na época das cheias, tem gente que jura que vê o rancho boiando no rio Santa Maria e a risada da Fumaça – pra o que eu trouxe, muito leve.

Este conto faz parte da coletânea "Quando o verbo vira trama", publicada em 2020 pela Editora Metamorfose.



No Facebook,
em 8 de junho de 2020



Gente!! Olhem só!! A Jacira Fagundes selecionou este texto “Fumaça na enchente” para ser publicado numa coletânea que ela está organizando para 2020. Além da Fumaça, mais quatro personagens meus!! Muito feliz!! Obrigada Jacira!!

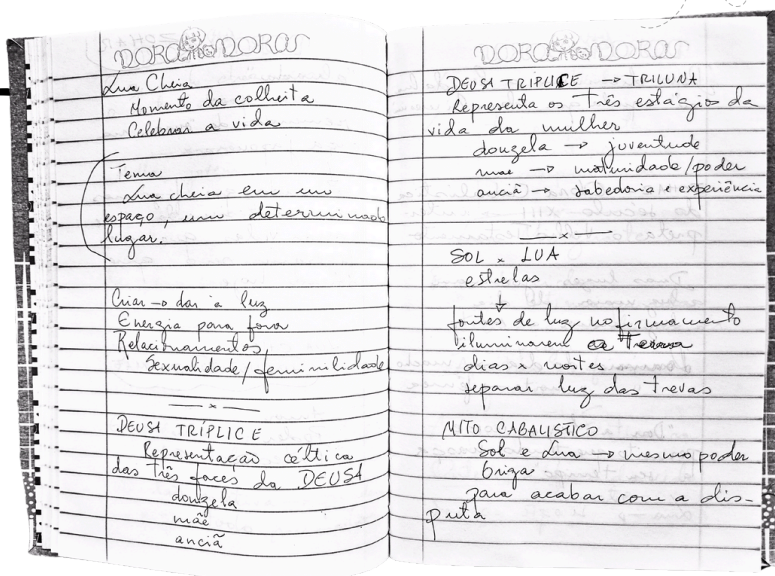


No Facebook,
em 2 de novembro de 2019

Passeio

Depois de quarentena que virou *sessentena* que virou *oitentena* e por aí vai, ganho permissão de sair à rua, uma volta na quadra, qualquer coisa assim que não aguento mais, cansei de ficar em casa, sei, já me disseram, sou grupo de risco, cheia de comorbidades e tais, eu, que num arremedo de Carolina às avessas, vi o tempo passar, só não vi que a rosa morreu, que o barco partiu, nem quis saber de olhos tristes de guardar dores e amores, então coloco blusa nova com máscara combinando, sem o batom vermelho, que batom não uso mais, desço elevador, cumprimento vizinha, aceno para porteiro novo que ainda não lhe vi o rosto embora esteja aqui há algumas semanas, parece simpático, abre o portão e me acena de volta – vai passear hoje, que bom, dona Dora, se cuide – sorrio por trás da máscara, a sinaleira abre, atravesso sem pressa, não vem vindo carro nenhum mesmo, não sei onde que foram parar todos aqueles automóveis e ônibus que lotavam a rua, agora deserta, sigo olhando comércio que fechou, restaurante que não está mais ali, salão de beleza fechado, por trás das portas de vidro as cadeiras vazias, sem manicures sorridentes, cabeleireiro atencioso, jurando – este corte de cabelo vai ficar muito bem para ti –, só continuam os moradores da marquise da antiga agência de banco também fechada, mas essa não foi por crise nem pandemia, olho melhor, vejo que o grupo aumentou, que tristeza, pego uns trocados no bolso coloco na mão da menina que dorme no colo da mãe, dobro esquina, restaurante mais caro não fechou portas, olho cardápio, só tele-entrega, no meio da quadra a casa de Amelinha, janelas fechadas, acho que ela não mora mais

ali, atravesso outra rua vou até o Olaria, não tem mais cinema, poucas lojas abertas, não há crianças nem nas pracinhas dos prédios, *meudeusdocéu*, foram todas parar nas telinhas que agora são escolas e parques de recreação, ali estudam e se divertem, conversando e jogando com amigos, sem toques e sem abraços nem empurrões e eu sigo em frente já com o joelho doendo, a artrose incomodando um pouco, preciso passar na farmácia que gente velha que se preza quando sai de casa sempre vai até o seu Zaffari dando uma chegadinha na dona Panvel, faço algumas compras com muito receio, não ia lá desde o final do verão, na volta não resisto, desvio caminho até o portãozinho do Apolinário, espio para dentro, bate tristeza grande vendo nossa porta fechada, chão coberto de folhas secas, um ar de abandono. Gente! Bateu uma saudade de vocês!



Mate amargo y tortas fritas

*“Lo que me enamora de
Colonia del Sacramento es el
mate amargo y las tortas
fritas.”*



Visitando Colônia do Sacramento verão passado, comprei um imã de geladeira que fala de mate amargo e tortas fritas. Um pouco pelo prazer da compra de lembrancinhas de viagem, coisa que adoro, outro por lembrar de minha avó, que gostava de tortas fritas. As tortillas substituíam o pão na hora do café, acompanhavam o mate da tarde, que nem sempre era amargo. Podia também ser doce, com canela ou folhinhas de chá. Nas noites de tempestade, acompanhadas de rezas – Santa Bárbara bendita, mate amargo e torta frita.

Naquele dia, a avó receberia visitas para o café. Da cozinha vinha o cheiro delicioso do bolo de laranja e das broinhas de polvilho feitas pela Amélia, sua afilhada. Do pão de casa e da geleia de goiaba. Tudo deveria sair perfeito, pois as visitas, dona Zefinha e seu Nô, eram de cerimônia. Vizinhos novos, morando há pouco na cidade, ela sempre bem arrumada, de sapatos de salto e bolsa combinando.

Cedo da tarde, mesa posta. Toalha de crochê, guardanapos de linho. Os talheres reluzentes e os copos de cristal. E as xícaras azuis que só saíam do guarda-louça em ocasiões muito especiais.

- Vamos servir chá da Índia e chá de maçã. Se eles quiserem, a gente passa um café na hora.
- E o mate? E as tortillas? A gente faz na hora também, madrinha?
- Claro que não! Gente de cerimônia, nem devem gostar de tortas fritas! Se vocês quiserem, podem fazer na cozinha, mas não levem para a sala.

Visitas acomodadas, conversa fluindo devagar. Dona Zefinha e as filhas tomando seu chazinho, elogiando o bolo, as geleias, trocando receitas com a avó. Seu Nô, mordiscando uma broinha, mal tocava na xícara. Da cozinha começou a vir um cheirinho de café recém-passado. Seu Nô olhou para a mulher e, virando-se para a dona da casa:

- Ainda que mal pergunte, a senhora tem um cafezinho? É que não tô doente pra tomar chá.

Todos riram, veio o café e a conversa correu mais solta. Como se não bastasse, o cheiro delicioso das tortillas também se fazia sentir. E seu Nô quis saber o que estavam fazendo na cozinha.

- São tortillas, tortas fritas, que acompanham o mate. O senhor quer provar? – e aí veio junto o amargo, depois o licor de butiá e uma amizade para toda a vida.

Olho o imã na geladeira e penso, vou fazer um mate. Ainda tenho um pouco da erva Abuelita que trouxe de Colônia e que, ainda por cima, tem um pouquinho de cannabis. Olho pela janela. Nuvens escuras, carregadas. Está se armando um temporal.

“Santa Bárbara bendita, mate amargo e torta frita.”



Don Pepe e eu



Ilustração de Gregory Harlin

Naquela tarde um montinho de pelo gris de olhinhos *amareluz* entra porta a dentro e toma conta de mim com seu motorzinho de ronronar ligado, seus *lambeijos* de linguinha áspera e deliciosas massagens no meu colo, logo eu que nunca dei a mínima para bichinhos de estimação mas há sempre um dia em que todas as nossas certezas caem por terra, bicho dá muito trabalho, imagina se vou querer gato dentro de casa para fazer sujeira, detesto cheiro de cocô de gato, sem falar no xixi que é um horror, largando pelo por tudo quanto é canto, sabe como é, quando não estamos a fim usamos todas as desculpas só que, num impulso, ao ver uma amiga com um gatinho desses perguntei onde encontraria um, porque decidi que eu queria porque queria um gatinho igual e, eis que dois dias depois me chega aquele pequeno ser e já vai tomando conta também da casa, aprendendo na hora a usar a caixinha de areia, subindo no sofá, já arranhando tudo, mas não importa, acho até engraçadinho, o nome já estava escolhido, Don Pepe, por causa do uruguaio Don Pepe, figura pública que admiro, mas é Pepe para os íntimos, Pepito ou simplesmente Gato, que qualquer nome serve, pois atende quando quer, vem no colo quando quer, dorme comigo quando quer, agora mesmo está enfiado numa caixa de papelão que chegou ontem, tirando seu cochilo da tarde, sei que daqui a pouco ele aparece, caminhando na maior elegância como é típico dos gatos, passinhos de



fazer inveja até à Gisele Bündchen – acho que as modelos se inspiram nos felinos quando estão nas passarelas – pula na mesa e talvez dê algum palpite neste texto que leio em voz alta para que ele ouça pois, como vocês sabem, nestes tempos de pandemia e isolamento conversamos muito nós dois, ele me olha com atenção, acredito que, se o confinamento demorar mais um pouco Don Pepe vai responder, pois ultimamente anda miando, coisa que não fazia quando era bebê, agora já um mocinho de quase um ano de idade, se já está miando para falar falta pouco, mas como eu falo por dois, vamos conversando eu mesma respondo ou falo por ele que me pergunta se não é hora do café, pois sabe que ganha uma colherinha de requeijão que nem sei se gato come requeijão mas Don Pepe se lambuza com um requeijãozinho, não come mais nada, só a ração chique que sua Dinda traz de presente, porque gato que se preza tem até madrinha, a família é pouco convencional, ele não tem mãe, só tem vó, que sou eu e meu neto é o pai mas não mora conosco, agora estamos pensando num irmãozinho para ele, amadurecendo a ideia, que desta vez não é por impulso mas por várias insinuações do tipo tens que ter outro gatinho, ele precisa de alguém para brincar e por aí vai, e olha o Pepe chegando da sesta, vai dar uma espiada na rua, pena que hoje não tem sol na sua varanda particular que é o peitoril da janela, então aproveito para segurá-lo no colo bem abraçadinho e me deliciar com o ronronar, os *lambeijos*, os olhinhos *amareloz* e a maciez desse gatinho gris que, seguramente, já tomou conta de mim.

Guardiões da memória

Lembranças da infância nos acompanham sempre. A vida toda. Família, escola, brincadeiras, tudo fica guardado em nossa memó-

ria. Dizem até que, quando envelhecemos, os acontecimentos de tempos idos são mais lembrados que os recentes.

Uma de minhas lembranças mais antigas são os livros infantis. Não há como esquecer as histórias clássicas, Branca de Neve, O gato de botas, que ainda hoje fazem a alegria das crianças. A coleção *Os Mais Belos Contos de Fadas Franceses, Italianos, Tchecos* (custei a descobrir o que significava essa palavra). E os volumes do *Mundo da Criança*, que minha mãe trazia da escola onde trabalhava. Há algum tempo comprei um exemplar do João Felpudo, no seu centésimo aniversário de criação. As ilustrações eram as mesmas, mas a tradução era diferente, o que me decepcionou um pouco, já que algumas das historinhas eu sabia de cor.

Os livros de aventuras de Tarzan, o Magnífico, as aventuras de Simbad, o Marujo. Sem esquecer os quadrinhos do Flash Gordon – o Flasgordon -, o Popeye, que eu lia *Popéie* e tantos outros.

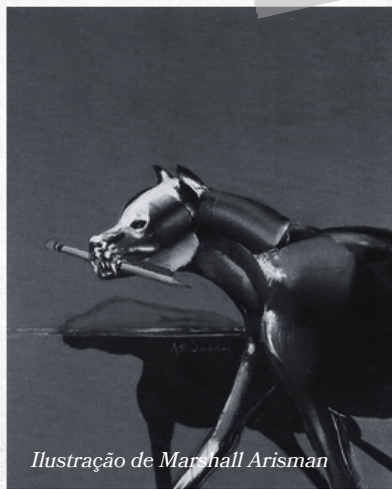


Ilustração de Marshall Arisman

Os primeiros romances, os livros do Erico Verissimo.

Quando o vento zune na minha janela, como não lembrar da Maria Valéria – noite de vento, noite dos mortos – ou de Heathcliff e Catherine, no *Morro dos Ventos Uivantes*? Ou ainda de Scarlet O'Hara e Rhett Butler, de *E o Vento Levou*, o preferido de minha mãe?

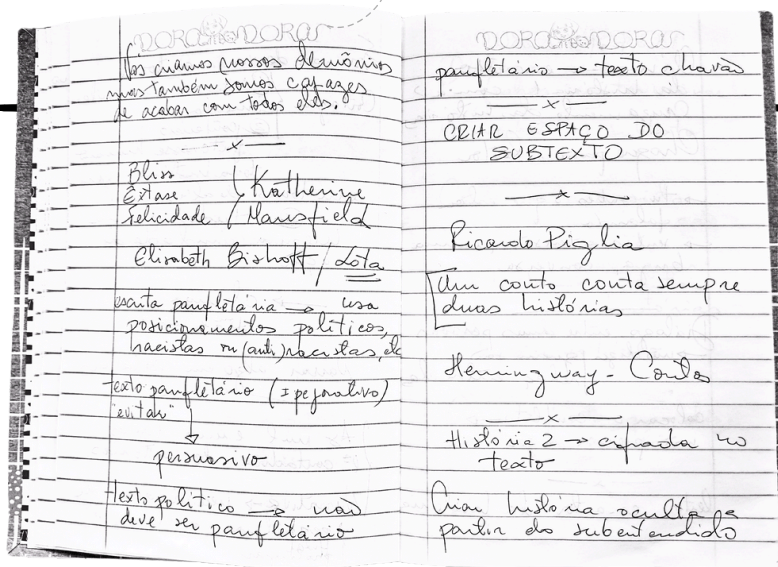
Os livros de Ian Fleming, que me apresentaram a James Bond, espião do Serviço Secreto de Sua Majestade, bem antes dos filmes. E o Hemingway, então! *Por quem os sinos dobram?*, onde ele cita o poeta John Donne – *A morte de qualquer homem me diminui porque sou parte do gênero humano. Não me perguntes por quem os sinos dobram. Eles dobram por ti.*

Hoje percebo que a palavra escrita, os livros que li, seus personagens, são os guardiões das minhas memórias. Doces memórias, que me levaram, na velhice, a participar de Oficinas Literárias, a me aventurar em leituras para mim um pouco mais difíceis, como Guimarães Rosa, que estou lendo agora. Quem sabe me atrevo nos outros volumes de *“Em Busca do Tempo Perdido”*, que só li dois?

Aprendi a ler os cronistas. Fiquei fascinada com Antônio Maria, Paulo Mendes Campos, Verissimo, Rubem Braga. Hoje me encantam os textos do nosso Rubem, o Penz, e dos cronistas meus colegas de mesa. E me aventuro também na escrita, empunhando um lápis, contando histórias, algumas vividas, outras inventadas, imaginadas.

Que são também memórias de alguém. E de certa maneira, também serão minhas.

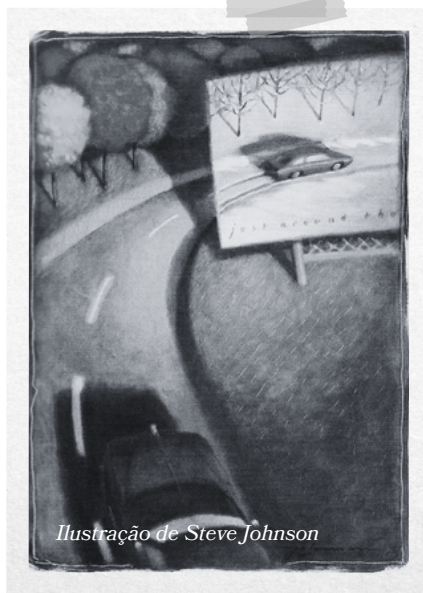
E sabe? Navegar é preciso. Exige precisão. Viver não é preciso. Vivemos ao sabor dos acontecimentos. Com as nossas lembranças, de tempos idos, e as de agora, que o lápis vai ajudando a guardar.



da série Anotações da Dora

Paisagens

Final de ano, calor, viagem. Um passeio de carro pelo Uruguai, entrando por Jaguarão e Rio Branco, depois Montevideu e Colônia do Sacramento. Na volta, Rivera e Livramento. Muito bom para começar 2020.



Lembranças de tempos idos. Longínquos. De jovens em viagem de núpcias, viagem de trem, muito frio naqueles tempos.

Dessa vez faz calor. O sol forte ilumina o pampa. Algumas paradas no caminho, um *pomelo* geladinho para refrescar. Em Montevideu, belos passeios pelas *ramblas*, mate e sol na orla do Mar del Plata, cujas águas dizem ser doces e também salgadas. As feiras, os restaurantes. Ah, a culinária uruguaia! Uma visita emocionante ao *Museo de la Memoria*. As lágrimas escorriam pelo meu rosto. Tristes tempos! E as festas de Ano-Novo. Fogos, amigos, afetos. Abraços, votos, o ano de 2020 seria um bom ano.

Novamente a estrada, a *carretera*, até Colônia. A cidade antiga, a muralha, a beira do rio com sua vista arrebatadora, o povo simpático e gentil. Algumas compras, também. Malhas burma para usar no inverno, luvas e cachecol combinando. Meias de lã.

Depois de Colônia, atravessar o Uruguai até Rivera. O verde da paisagem. Os cerros chatos na altura de Corrales, terra de minha avó materna. Em Rivera, uma passada nos *free shops*, um perfume, um batom vermelho. E no supermercado também, como não levar algumas garrafas de *Medio y Medio*, erva-mate Abuelita e doce de leite?

Em casa, a paisagem de Porto Alegre no verão. Depois do Carnaval, um passeio a Maceió. Praia, mar, falésias coloridas, água de coco. Planos de novos passeios durante o ano. Os nordestinos, amáveis, sorridentes, hospitaleiros. Adoro o Nordeste! Quem sabe voltamos em julho ou agosto?

Foi quando alguém começou a falar em um vírus mortal, vindo da China, que já havia feito uma vítima no Brasil. Não nos preocupamos, vírus aparecem toda hora. Quando os médicos não sabem o que temos, dizem – é uma virose, vou passar uma receita e o problema está resolvido.

Mas não foi bem assim. A paisagem começou a mudar radicalmente. Todo mundo dentro de casa. Ruas vazias. As pessoas com seus rostos cobertos e o mundo visto por uma tela. Depois da primeira morte, no mês de março, hoje contabilizam-se mais de 160 mil vidas perdidas, só no Brasil.

Olho, no guarda-roupa, as malhas burma, novinhas, as luvas e o cachecol sem uso. Passei o ano com o velho e confortável casaco de moletom, dentro de casa, vendo o tempo passar na janela. O batom vermelho, sob a máscara, não tem a menor graça. Só aproveitei o *Medio y Medio*, o doce de leite e o mate.

A viagem é outra, agora. E a paisagem, nada bonita.

2ª dose!!

Virei jacarua de vez.

Feliz? Não sei!

Como estar feliz com 350 mil mortes que, sim, poderiam ter sido evitadas?

Com os milhões de brasileiros ainda não vacinados e expostos ao vírus? E ainda incentivados a aglomerações nas igrejas, nas ruas, nos parques?

E o povo vai! E depois é culpado porque foi, porque fez festa, porque se aglomerou. Porque é Páscoa, porque é o Dia das Mães. Tem que comprar presente. Mas o presente é o filho junto de sua mãe!

Enchi o saco, sabe?

Chega desse governo genocida!!

Chega de mortes!!

Mas, por outro lado:

VIVA O SUS!

VIVA OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE

E FORA BOLSONARO!!

CHEGA!!

(cansei!!)



Lista de desejos

Para um domingo de chuva e frio, eu preciso
Banho quente e casa aquecida
Cheirando a café recém-passado.
Conversar com meus queridos, saber se dormiram bem.
Ah, se eu pudesse, como gostaria
Da casa cheia, como antes.
Muita risada. Muito bate-papo.
Isso me faz uma falta!
Também seria bom
Aquecer a água e fazer um mate.
Preparar um bolo de banana para o café da tarde
E a sopa de legumes para o almoço.
E abrir um vinho.
Brincar com os gatos, se eles quiserem.
Fazer uma outra lista. De livros.
Colocar mais um casaco sobre os ombros
E uma manta no pescoço.
Procurar um filme para ver com Francisco.
Escrever um poema.
E entre uma coisa e outra, só que aí não é desejo,
Reclamar do frio. Da chuva.
Da dor no joelho.
Chorar amigos que se foram.
Chorar as vítimas da peste.
Rezar pela cura.
Entre todos os desejos, sempre,
Fora Bolsonaro!!!

Texto escrito durante a Oficina de Escrita Criativa “Clã Mulheres que escrevem”

Cabelo colorido

De repente, não mais que de repente, mentira, nem foi tão de repente assim, descubro que envelheci. Faz tempo que custo a reconhecer, no espelho, a imagem dessa mulher de cabelos brancos que me olha espantada, agora com a franja pintada de azul! O quê que deu nela de pintar o cabelo desse jeito?

Parecida comigo, o sorriso é o mesmo. O dentista conseguiu essa proeza com implantes muito bem feitos. Já o rosto, craquelando aos poucos, encheu-se de rugas. Dedos cheios de artroses, tortos como os da bruxa. Dores nas articulações, aparelho para surdez, alguns probleminhas de saúde, outros tantos esquecimentos, tudo mostra que a velhice aqui se instalou.

Como em tempo de Lua Nova, recomeço e me reinvento. Saio um pouco da Lua Negra e me exibio um pouco também, tentando mostrar algum brilho. Comecei a escrever crônicas, pequenos contos. Me atrapalho um pouco com o computador e o celular, mas, de algum modo, acabo acertando.

Recomeço, faço planos. Cultivo orquídeas que, por sinal, estão lindas na minha janela. Semeio intenções.

Descubro receitas, faço um chazinho de frutas delicioso. Arrumo a casa para receber as visitas pós-pandemia. Reformo móveis, pinto paredes. Busco autores que desconhecia. Tentando coisas novas, perco o medo de errar e vou aprendendo todo dia, até comigo mesma.

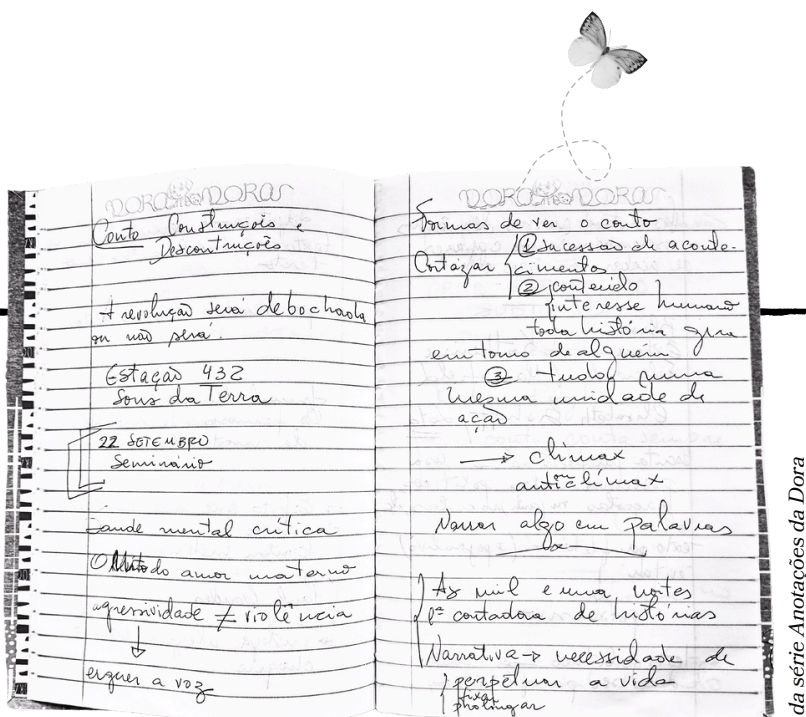


Não me considero nenhum arquétipo, apenas anciã, ou velha, palavra que gosto mais. Agora, confesso: fico feliz quando alguma de vocês me fala que, quando crescer, quer ser como eu.

Já vi e já vivi muito. Hora de recarregar as baterias.

Da próxima vez, pinto a franja de rosa ou lilás? Laranja, talvez? Verde? Não, verde não! Por ora, não é o momento.

Talvez em outra mudança de lua.



Texto escrito durante a oficina Escritas da Lua, do Laboratório do Texto, com a escritora Lou Urbim.

Setenta e nove prazeres

Acordo pela manhã, o sol ainda bate na vidraça nesta época do ano. Depois vai embora e só volta a entrar pela janela lá por meados de agosto.

Viro na cama procurando a melhor posição. O corpo, velho e pesado, precisa de um certo esforço para se mexer. Alongo as pernas, os braços, sento e levanto devagar.

Passos trôpegos, as artroses todas se exibindo ao mesmo tempo. Vou até o banheiro, um pouco encurvada devido à dor na lombar, abro o chuveiro, aguardo um instante, entro no box e deixo a água quente escorrer pelas costas ainda curvadas. Aos poucos vou me endireitando e sorrio ao lembrar do médico que uma vez me disse:

– Isso é rigidez matinal, espere um pouco que passa.

Ao que retruquei que precisaria levantar e sair logo em seguida. Sabe o que ele falou? – levante mais cedo! Dê um tempo que a rigidez passa. Até passa um pouco, mas aí precisarei levantar antes de clarear o dia. Pode isso? Ainda tentei levantar depois do meio-dia, já que a rigidez era matinal. Desisti. Não adiantou nada. Mas, como tudo na vida, até com as dores a gente se acostuma.

O chuveiro quente vai desentortando a lombar, o perfume do sabonete espalhando-se pelo meu corpo, a maciez da toalha, pequenos prazeres de início do dia. Passo um

hidratante corporal mas, nas costas, o hidratante preferido é o Cataflan mesmo, o efeito é bem melhor. A idade tem dessas coisas. Até os perfumes mudam.

Agora, um dos melhores prazeres da manhã. O café. Vou até a cozinha, aqueço a água, logo o aroma se espalha pela casa. Que delícia! Junto ao cheirinho do pão aquecido na torradeira é uma bela maneira de começar o dia.

Busco uma música, aprendi a usar o Spotify. Um dia ouço música francesa, descobri o Maxime Manot. Outro dia MPB. Vou de Caetano a Tim Maia passando por Sidney Magal com a sua *Sandra Rosa Madalena*. E ainda tem a música uruguaia. Jorge Drexler. *Bajo Fondo*. Gosto muito.

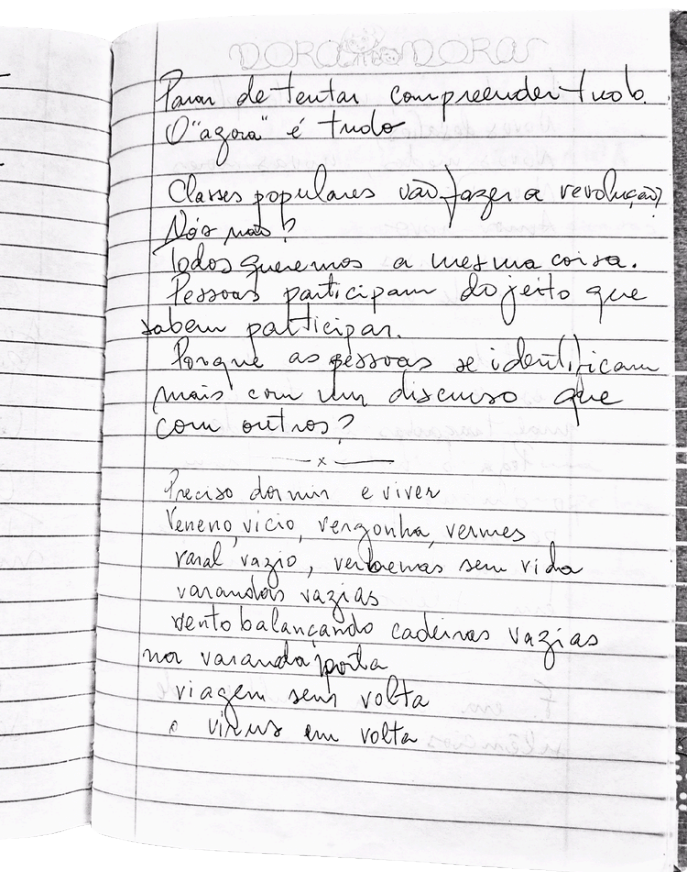
O rádio, que antes eu escutava pela manhã para saber as notícias do dia, deixei de lado. Não me dá mais prazer. Apenas uma vista d'olhos pelo jornal, no celular mesmo, e pronto. Se houver algum fato importante, que eu precise saber, alguém vai me avisar. Dois dias da semana tem o Pilates, dá um pouco de preguiça de ir, às vezes não vou, mas quando vou gosto bastante.

E assim passam os dias. Encontrando pequenos prazeres no ronronar dos gatos, nas leituras, nas amizades, no café, sempre o café, com as amigas. Nas escritas, na companhia de pessoas queridas que, como eu, têm prazer no ato de escrever. Nos filmes e séries que aprendi a assistir. Me divirto com séries de zumbis, bruxas e vampiros que vejo com o Francisco. Quem diria!

E até comprei um bolo com setenta e nove velinhas, para comemorar meu aniversário. Setenta e nove prazeres.

Apesar do ano difícil, a esperança é um gozo que teimo em sentir. E disse para mim mesma:

– Feliz aniversário, vó Dora!



da série Anotações da Dora

Texto escrito durante a Oficina de Escrita Criativa “Clã Mulheres que escrevem”.

De sonhos e de sombras

Um estrondo forte seguido de um clarão ecoava ainda em seus ouvidos enquanto descia as escadas, em direção à garagem. Nem cogitara esperar o elevador tal a pressa em sair logo dali.

– Esqueceu alguma coisa, seu Peixoto? Vai sair de novo?

Não respondeu, nem sequer notou que o porteiro do prédio falava com ele. Abriu a porta do carro, o motor ainda quente da viagem que fizera há pouco. Na rua deserta, dirigiu em alta velocidade sem saber para onde. As luzes da rua corriam diante dos seus olhos, os semáforos misturando-se num turbilhão de cores, a cabeça latejando, o coração parecendo saltar pela boca.

Virou para o lado. Tininha, vestida de branco, o cabelo escuro balançando pelo vento que soprava pela janela aberta do carro, sorria para ele – Tininha? Não pode ser.

Olhando para a frente, viu que ia na direção da *freeway*. Notou uma sombra enorme do lado direito da estrada. A mesma que já o perseguira no trajeto anterior, quando voltara para casa antes do horário de costume. Lembrou que a sombra, escura, assumia formatos diversos, ora era um monstro, ora mostrava cenas como se fossem de um filme. Um filme a que ele não queria assistir. Cenas estranhas, onde apareciam Tininha e Arnaldo, os dois trocando olhares durante o jantar, os pés se tocando debaixo da mesa. Sim, ele os vira ao inclinar-se para pegar o guardanapo que havia caído no chão da sala – será que vira, mesmo?

A sombra mostrava os pés dos dois se acariciando, o pezinho de Tininha por cima do pé de Arnaldo, a sandália abandonada no tapete. Não, olhando novamente viu os pés de Tininha calçando as sandálias vermelhas que lhe dera de aniversário – Meu Deus, que dor de cabeça!

Por vezes as imagens sumiam, aparecia novamente o monstro, uma figura pré-histórica que lhe dava uma quase certeza que eram apenas visões, resultado do cansaço e desse amor louco, da desconfiança e do pavor de uma traição da mulher.

– Não, Tininha me ama. E Arnaldo... Será? Não! Impossível! Arnaldo é um velho amigo. Devo estar vendo coisas. É o vinho. Bebi demais.

Olhou para o lado, Tininha não estava mais no carro – será que realmente estivera? Esfregou os olhos com as costas da mão. Dirigindo em alta velocidade, pensa no que vira: agora há pouco, ao chegar em casa. Ou será que não vira? A dor de cabeça cada vez mais forte.

Lembra de ter chamado por Tininha, de ter gritado seu nome. Havia luz no quarto. Empurrou a porta.

Tininha e Vicente, as taças rubras de vinho, do seu vinho francês! Desgraçados! Na sua cama!

Mais que ouviu, sentiu. O tiro, o clarão, o vinho tinto manchando os lençóis brancos. Ou seriam manchas de sangue? E o revólver? Como aquele revólver foi parar nas suas mãos?

A dor de cabeça só fazia aumentar. Olhou para o lado, Tininha sentada no carro, novamente, sorrindo, com seu vestido branco, agora manchado. De vinho? De sangue?

E logo, o estrondo, outra vez. Um estrondo enorme, barulho de ferros retorcidos, gritos.

E o clarão, em seguida sumindo, aos poucos, com a chegada do monstro pré-histórico sobre a autoestrada. Parecendo protegê-lo, não sabe bem do quê. Vê o carro na pista contrária, destruído.

À sua frente, Tininha lhe estende os braços nus, o corpo coberto por um lençol branco, sem manchas.

Apesar do barulho das sirenes, podia ouvir o enorme silêncio ao seu redor.

Muita paz. Nenhuma dor.



Pedaladas ao sol

Sentia como se o conhecesse. Mas não. Não o conhecia. Tivemos uma única conversa mais longa e nunca mais nos encontramos. Via-o no parque, quase todas as manhãs, chegando de bicicleta e sentando à sombra convidativa das árvores centenárias da Redenção. Suado, o rosto queimado de sol, às vezes acenava para mim, antes de abrir o livro que sempre tirava da sacola.

Um dia, parou a bicicleta do meu lado e começamos a conversar. Contou que morava só, no Menino Deus, e todas as manhãs pedalava até o Gasômetro antes de vir ao parque. Trabalhava à tarde e usava o horário matinal para se exercitar. Adorava bicicletas desde menino. Disse que aprendera com o pai. Sorrindo, comentou que nunca esqueceu o dia em que andou sozinho. Falou de seus sonhos, pensava em viajar logo que se aposentasse. Conhecer um pouco da América do Sul. Pedalar pela Argentina, Uruguai, Colômbia. Peru, talvez. Machu-Picchu? – sugeri. Fechando os olhos, respondeu – Quem sabe?

Passei algum tempo sem encontrá-lo. Não o via mais no parque. Também passei um bom tempo sem ir até lá. Foi-se um verão, veio outro e também se foi – onde andaria meu amigo ciclista? Teria viajado? Mudado de cidade? Quem sabe encontrado companhia para sua velhice e solidão?

No finalzinho do último outono, já quase inverno, eu o reencontrei. No mesmo banco de sempre. Um pouco

diferente, a pele mais queimada de sol. Sorrímos, nos abraçamos como velhos conhecidos, amigos de uma vida inteira.

Contou-me de suas andanças, da aposentadoria e da tão sonhada viagem. Das pessoas que conhecera, da diversidade cultural que encontrara e o quanto havia aproveitado. Mostrou-me a bicicleta nova, companheira de boa parte do trajeto. Observei que tinha um grande sinal no rosto.

– Efeito do sol nesses anos todos. Amanhã farei uma pequena cirurgia, mas espero que não seja grave.

Porque, como dizia Caio Fernando Abreu, "a vida é como andar de bicicleta: quando você perde o medo, aprende, está muito bem e feliz... Aí Deus diz: ok, agora sem rodinhas".

Sorriu levemente, pegou a bicicleta e se foi. Não sem antes me alcançar o livro "*Cien años de soledad*", com uma dedicatória: "Pensei em ti".

Texto escrito durante a Oficina de Escrita Criativa "Clã Mulheres que escrevem"

De rezas e santos

Lembranças de vida são interessantes. Com o passar dos tempos se fundem umas nas outras, se confundem, mas rendem boas histórias.

Lembro de muitas delas, em especial da infância, que já vai tão longe. Histórias da minha avó, então, me agradam sobremaneira. E aumento um pouco, tiro outro tanto, no final nem sei se os fatos aconteceram mesmo ou se viraram verdade, de tantas vezes que foram contados. E velhos adoram repetir histórias. Não fujo à regra.

Nos últimos tempos tenho pensado bastante em Santa Bárbara, protetora contra relâmpagos e tempestades, de quem minha mãe e minha avó eram devotas. A mãe tinha uma estampa dela, que havia comprado de um mascate que aparecia de vez em quando vendendo toda a sorte de quinquilharias. Até imagens de santos. Hoje, a estampa virou quadro na parede da sala da minha irmã. Pobre mãe! Morria de medo de tempo feio, escuro. Raios, relâmpagos e trovões. Desconfio que comprou a imagem da Santa por isso.

Nas noites de tormenta fazia uma cruz de sal na mesa da cozinha e, rezando muito, pedia proteção a ela para que o temporal passasse logo. Em geral, passava. Então dormia descansada e no dia seguinte não lembrava mais. Nem da tempestade nem da Santa. O que rendia comentários de minha avó:

– Essa só lembra de Santa Bárbara quando troveja.

Nestes tempos tristes de agora, também faço igual. Rezo muito, não só para Santa Bárbara, mas para todos os santos que lembro. E acendo uma vela para cada um. Até trezena pra Santo Antônio ando rezando, coisa que não lembro de ter feito antes. Se a vó estivesse viva também diria, como naquela época, que só estou me lembrando dos santos, em especial da Santa Bárbara porque está trovejando muito.

Verdade. Só pensei nos santos e santas agora que tudo está particularmente difícil. Nunca vivi tempos tão tormentosos como estes. Haja Santa Bárbara e Santo Antônio para dar conta de tudo!

A vó também fazia sua cruz de sal e, enquanto rezava, preparava o mate e fritava tortillas no fogão à lenha, resmungando entre as orações:

– Santa Bárbara bendita, mate amargo e torta frita.

A torta frita não sei fazer, mas o mate amargo, esse, está sempre circulando. E, entre um mate e outro, muita reza, o pedido de tempos melhores e de muita saúde para todos nós. E, como a vó, também resmungo pensando nas tortillas:

– Santa Bárbara bendita, mate amargo e torta frita.

Texto escrito durante a Oficina de Escrita Criativa “Clã Mulheres que escrevem”

sem título

Hoje voltando para casa fiz uma corrida de táxi. Falando com o motorista, velho também, embora um pouco mais moço que eu, comentamos destes tempos tristes e difíceis que estamos vivendo. Começamos a falar do céu nublado, do clima, hoje um dia de primavera, prometendo chuva. E ele me fala do desmatamento da Amazônia, da destruição das florestas, que nunca derrubaram tantas árvores como agora.

Da corrupção, do orçamento secreto, do sigilo de cem anos. Como vou dizer que não há corrupção, se não há investigação?, diz ele. Vou saber daqui a cem anos?

Do seu remédio da pressão que a Farmácia Popular não lhe fornece mais. Da vida difícil do povo brasileiro. Da dificuldade de colocar comida em casa, mesmo trabalhando o dia inteiro e parte da noite.

Do desrespeito com as pessoas, porque são pretos, ou porque são gays, ou por qualquer coisa.

– Viu o que fizeram com o cantor Seu Jorge, naquele clube fino?

Da preocupação com o futuro dos netos.

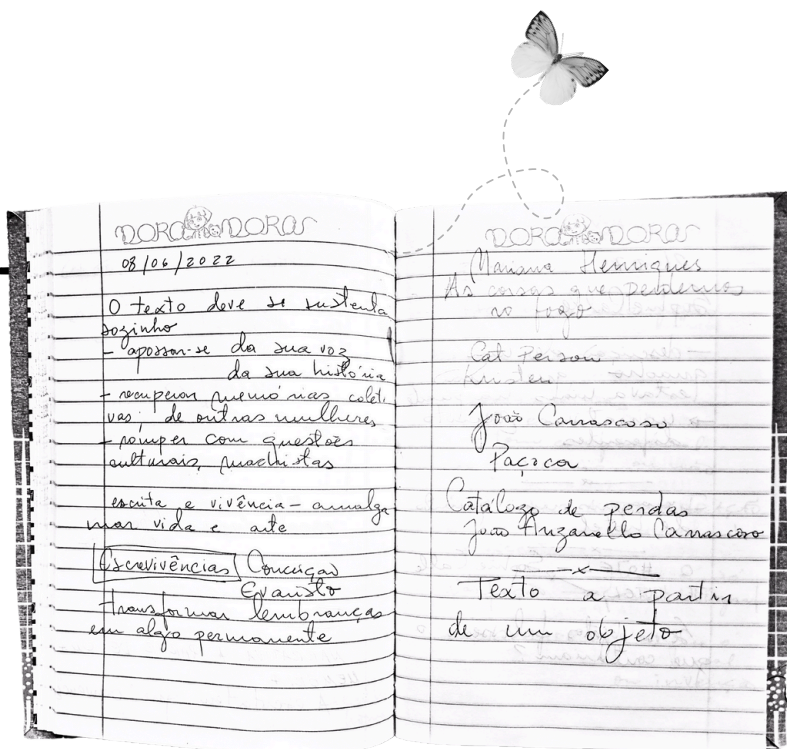
Mais não conversamos porque a corrida era curta, mas falamos da esperança num Brasil melhor. E também nos explicamos, um para o outro, porque não estávamos na caminhada do Lula. Ele, porque precisa muito trabalhar.

Eu, porque o corpo velho e cansado já não me permite.

Ah, para o caso de alguém perguntar, não sou petista. É que esta eleição, para mim, não é uma questão política, mas uma questão de índole (esta frase não é minha, peguei há tempos do Rafael Guimaraens).

E meu voto não é secreto, que nem o orçamento do atual governo. Voto no Lula, como já fiz outras vezes. Eu, o taxista da tarde, família, amigos e muita gente mais. E outros, também, que não votaram nele em outras eleições.

Esperança de dias melhores? Temos!!



J'adore

A vida corria mansa e tranquila. Tranquila até demais. Solange, por insistência de Lourival, diminuía seu horário de trabalho no escritório. Esperava-o todas as tardes e, na varanda do apartamento, juntos tomavam um vinho observando o sol se pôr. Tudo lindo, do jeitinho que Lourival havia prometido. Amante à moda antiga, como na canção, sempre lhe trazia flores, adivinhando todos os seus desejos. Um perfume, um lenço de seda, o livro que ela queria. E as noites eram quentes e cheias de amor.

Mas o tempo! Ah, o tempo! O tempo foi passando, os dias todos iguais, parecia que faltava alguma coisa. Habituada desde sempre a resolver seus assuntos, encontrar os amigos, passear pelo parque, ir à academia, Solange percebeu que não fazia mais isso. Pelo menos sozinha. Lourival estava sempre junto, adivinhando seus pensamentos, levando-a a todos os lugares. Sentia-se sufocar.

Lourival, por seu lado, também não se sentia satisfeito. Acabara-se a época do futebol com os amigos nos sábados à tarde e das noitadas regadas a cerveja nas sextas-feiras. Havia os jantares e o cinema dos fins de semana, mas, enquanto Solange queria comer sushi, Lourival preferia ir a uma churrascaria; se Solange sugeria um filme francês, Lourival comprava os ingressos de um filme de ação.

Aos poucos, o tédio dos dias foi avançando também para as noites, que já não eram mais tão ardentes. A rotina instalando-se devagar, quase sem se fazer perceber.

A paixão indo embora e a impaciência tomando conta dos dois.

Escassearam os presentes, não havia mais flores. O vinho quase não estava mais à mesa da varanda. Até o pôr do sol foi esquecido, como se a noite chegasse, assim, de repente, num estalar de dedos.

O amante foi virando irmão, os beijos apaixonados transformados em meros beijinhos entre amigos.

Hoje, cada um para o seu lado, eles ainda se perguntam:

– Onde foi parar aquela paixão toda? Quando isso aconteceu?

Agora, aquela noite da primeira vez, no quartinho abafado da pensão, Solange guardará para sempre em suas lembranças. Não há como se esquecer de Lourival, do seu carinho, do perfume nos lençóis macios.

E a cada novo amor, em cada encontro, Solange sempre sussurra ao ouvido do amante:

– *J'adore.*

Flor

O olhar do menino é um pedido, um rogo, uma súplica, um desejo só. Do alto dos seus seis anos, ele fala, pondera, usa todos os seus argumentos. Diz que sabe cuidar de um cachorro, que sabe alimentá-lo, que vai trocar o jornal sujo quando o bichinho fizer xixi, só não vai poder levá-lo na rua porque o pai e a mãe não vão deixar. Os olhinhos brilham ansiosos, a mãe fala que vai resolver, mas não promete nada, o pai diz que está pensando. A mãe liga para alguém, anota um número no celular e faz outra ligação. O pequeno, aninhado no sofá, continua resmungando, só ele não tem cachorro, nem gato, nem peixe, nem nada, mas gato e peixe ele não quer. Sabe que o que diz não é verdade, que a maioria dos amigos também não tem cachorro, nem gato, nem peixe, nem nada, mas sabe muito bem que, numa hora dessas, vale tudo.

O pai e a mãe trocam olhares, o menino percebe e se aquieta. Os olhinhos continuam espichados, lacrimejantes até. O pai convida para passear, a mãe fala que vão visitar uma casa de cachorros. Nos olhos, agora, um brilho de esperança e o pequeno rosto iluminado de felicidade.

Havia muitos cãezinhos na casa, uns junto de suas mães, outros sozinhos em suas pequenas gaiolas. Pobrezinhos, o menino pensa. Dá vontade de levar todos, mas a mãe não vai deixar. Olhando em volta, ele vê um amontoado de pelos brancos e pretos, parecendo espiá-lo por trás da franja escura. Descobre que é uma cachorrinha. Acaricia seu pelo macio, olha para os pais, quase não acreditando

quando a mãe pergunta se gostou dela. Com o bichinho nos braços, ouve todas as recomendações da dona do canil e voltam para casa com o novo membro da família. No caminho escolhem o nome, Flor.

Menino e cachorra foram crescendo juntos. Flor, no início, fez muitos estragos, rasgou as almofadas, roeu o rodapé da sala e as cadeiras da casa da avó. Fez xixi e cocô por todos os cantos, destruiu os óculos do pai e os sapatos da mãe. Sem falar na lata de lixo revirada, nos furos enormes que começaram a aparecer nas meias ou nos tênis que sumiam bem na hora em que se precisava deles. Mas como não se derreter com aquele olhar, quando ela se afasta com o rabinho entre as pernas, parecendo saber que fez coisa errada!

O tempo passou, hoje o menino tem quase onze anos e a Flor agora é uma mocinha mais comportada. Já não destrói tudo que vê, embora continue roendo qualquer coisa que ache interessante, como o bastidor que a avó usa para seus bordados. Gosta de dormir depois do almoço quando a casa fica em silêncio, mas, à tardinha, deita na porta de entrada e espera. De repente, sem nenhum aviso, levanta, mexe as orelhas, sacode o rabo e aguarda alguns minutos. Ouve o barulho do elevador, ficando em pé nas patas traseiras. É o menino que chega da escola e a brincadeira que recomeça. A casa se alegra, eles descem com a mãe para o passeio do final do dia. A noite cai, os dois juntos brincam, correm e se divertem.

Momentos da infância que vão ficar para sempre na sua memória. Lembranças da Flor que acompanhou seu crescimento e que ele nunca vai esquecer.

De morte e (in)certezas

A humanidade, ao que se sabe, sempre teve seus rituais para celebrar tanto a vida quanto a morte. O final de uma é o começo da outra. Os homens, cientes da sua finitude, preparam-se para uma outra vida, ou o que seja, depois desta. Existem sinais desta preocupação em todos os lugares, em todas as civilizações, desde o início dos tempos até os dias de hoje. Nos sítios arqueológicos ao redor do mundo são encontrados vestígios de rituais sobre a morte. Desde as Pirâmides do Egito ou do Mausoléu de Halicarnasso na Turquia aos cemitérios de povos indígenas; das comunidades do campo, dos pequenos povoados até as grandes cidades. Nestas, os cemitérios são, muitas vezes, museus a céu aberto. Verdadeiras obras de arte ali estão em homenagem aos nossos mortos, nos mostrando que a morte é a grande certeza da vida. Não sabemos o que acontece depois, tudo vai depender da nossa crença; não há uma unanimidade em torno dessa questão. Certeza, mesmo, só a temos através da fé e das religiões, cada uma com a sua verdade.

As religiões nos apresentam diferentes explicações para o que acontece após a morte. Há as que dizem que um dia estaremos todos juntos, vivos e mortos, diante do Pai e teremos a felicidade eterna. Há também as que falam que, depois da morte, voltaremos ao mundo dos vivos tantas vezes quantas forem necessárias para expiar nossos pecados. A morte, então, não seria um fim, mas um início ou, quem sabe, um recomeço, uma aprimoração. E precisamos acreditar que assim seja, para suportar as dores, as tristezas, as perdas que temos ao longo da

existência. Necessitamos de algo que nos dê um alento, mesmo que seja em promessas de uma nova vida, talvez em outro mundo ou em outra dimensão. E que ainda nos livre das culpas, dos pecados, do eterno castigo.

À medida que envelhecemos, mais perto estamos da morte. E, à exceção do aspecto religioso, bem longe do conhecimento sobre o que há depois. Já vivemos muito, já ouvimos e vimos muito. Já lemos muito também. E o que lemos e ouvimos não nos trouxe nada de novo. Ainda estamos no tempo de Epicuro, filósofo que existiu antes de Cristo. Ele defendia a morte como sendo o nada, e que, portanto, não teríamos nada a temer. Dizia que "a morte não é nada para nós, pois, quando existimos, não existe a morte, e quando existe a morte, não existimos mais". E não temos ainda uma resposta para Epicuro.

Questionada por meu neto, quando ele tinha uns seis ou sete anos, sobre se as pessoas poderiam nascer de novo depois que morressem, eu respondi que não sabia. Ele contestou:

- Meu pai disse que sim.
- Bem, se teu pai falou, deve ser. Quem sou eu para duvidar da palavra de um pai?
- Então vó, diz o guri, depois que tu morrer e nascer de novo, eu vou cuidar de ti. Porque eu serei grande e tu serás pequena.
- Grande ideia, Francisco! Esta certeza já tenho. Agora sei que posso morrer sossegada.



Dora Marize Bittencourt Almeida (*) nasceu em Dom Pedrito, RS. Professora de Matemática por mais de quarenta anos, se aposentou em 2006 e resolveu escrever contos e crônicas. Participou de diversas oficinas literárias com o escritor Rubem Penz, da Oficina Santa Sede, sendo três delas com livros publicados: “Maria volta ao bar” (2014), sobre a obra de Antônio Maria, com indicação de finalista do Prêmio Açorianos de Literatura na categoria Crônicas; “Cobras na cabeça” (2015), sobre a obra de Luís Fernando Veríssimo, e “A persistência do amor” (2016), sobre Paulo Mendes Campos, vencedor do Prêmio Livro do Ano Ages 2017 na categoria Crônica. “Chico Pintado”, crônica escrita em 2017 no módulo Mosaico, da Santa Sede, foi premiada e selecionada para publicação no 1º Prêmio Literário da Pessoa Idosa, do Ministério dos Direitos Humanos, em 2019. Também participou do Clã Mulheres que escrevem, da escritora Lou Urbim, no Laboratório do Texto; do Grupo de Leitura e Criação Literária, da escritora Jacira Fagundes, da Metamorfose Cursos, além de outras tantas oficinas de escrita, presenciais e online.

(*) ou **Dora Almeida**, ou **Dorinha**, ou **Vó Dora**



Testemunhos

É a doçura da voz. A entonação, que fazia lembrar uma cantiga. É aquele sorriso terno e discreto, emocionado quando lia as histórias que despertavam saudades. É o que vou guardar. O que vai seguir me emocionando e pra sempre me fazer sorrir.

André Hofmeister – out/2024

*Com o sorriso largo, advertes:
o mundo me cabe. Em movimento!
Guria de palavras fartas, tua alegria vive em nós.*

Ana Luiza Rizzo – out/2024

*Dorinha
Não apenas Dora
no seu olhar –
daqueles que fazem
a gente
ter vontade de viver*

Soraia Schmidt – out/2024

Ah, Dorinha, por que ir embora assim tão cedo? Ficou faltando aquela volta pela zona sul, que tínhamos combinado, o último café pra embalar nossas conversas, o derradeiro abraço... Que estejas bem, amiga; por aqui a saudade é muita.

Tetê Lopes – out/2024

A Cidade Baixa estava bem seca no dia em que visitei Dora, Dorinha; nossos olhares vívidos, vizinhos. Então como não lembrar daquela tarde única em que caminhei os tantos passos e as tantas quadras e subi pelo elevador até seu relevo de vida decorado. No dia (estava escrito) faríamos um pequeno escambo de livros, o meu de contos, o dela de crônicas. E foi entre subtextos narrativos e anotações poéticas do cotidiano que eu trouxe para casa um exemplar assinado, sorriso no rosto, esta lembrança.

Edgar Aristimunho – out/2024

Dora, Dorinha para os amigos, uma das pessoas mais doces e alegres que já cruzaram meu caminho. Há pessoas que, por mais idosas que sejam, deixam na gente a sensação de partida precoce. Assim é com Dora, Dorinha.

Zulmara Fortes – out/2024

Ah, Dorinha, vamos na feirinha no Theatro São Pedro? E era uma daquelas tardes de verão escaldantes. E fomos juntas, devagarinho. E falamos da vida. E passamos calor. E tomamos um chope. E rimos de nós. E tu me ajudou a escolher o colar mais colorido da feira que usei na janta do nosso grupo de escrita. Não foi dessa vez que falamos de amor, mas, sim, depois, falamos. Lembra? Ah, Dorinha, não sei se ainda tenho o colar, mas a memória colorida daquela tarde de adolescentes, vai ficar pra sempre comigo.

Maria Amélia Mano – out/2024

Dora Almeida me sorri na foto. Na foto ela sempre parece uma senhora simpática. E eu sempre imaginei que a encontraria em alguma das tantas oficinas em que ela e eu participamos, e eu responderia àquele sorriso. Não rolou. É uma perda que me acompanhará.

José E. Rodrigues – out/2024

Não cheguei a tempo de te conhecer, Dorinha (estou falando de abraço, de beijo no rosto). Fiquei com suas palavras bem postas, amarradinhas. Nelas, posso te ver todos os dias.

Maria Iris Lo-Buono – out/2024

*Ela chegava sorrindo. A bolsa entrelaçada no peito e o texto na mão. Quando começava a leitura, sempre de um jeito simples, nos enchia de encantamento. Na minha memória afetiva ela sempre estará me dizendo: Era uma vez...
Obrigada pelo convívio e aprendizado, Dorinha.*

Maria Lúcia Meireles – out/2024

Quanto tempo é preciso para conhecer uma pessoa? O tempo de uma frase. Nos conhecemos durante a oficina do Maria volta ao bar e foi amizade à primeira vista! Ali na minha frente estava muito mais do que uma cronista excepcional. Estava um ser humano lindo, evoluído, capaz de transformar em amor tudo que olhava e tocava. Quase perto do fim dos encontros daquele ano, Dorinha chega para mim e diz: “Felipinho, te cuida, hein. Quero te ver durar mais do que o Maria!”. Não é puro amor? Não é pura maravilha?

Felipe Basso – out/2024

Em um cantinho da Cidade Baixa, encontro as lembranças da vó Dora, “é só chegar”, ela dizia, amorosidade e acolhimento, viva a nossa contadora de histórias! Viva Dorinha!

Leticia Prata – out/2024

Adoro a Dora! Vó Dora. Vó Dorinha. Na mesa do Apolinário, uma que me marcou foi a vez em que, num texto, fiz um dos nossos infames "trocadinhos do carilhos" com o ex-presidente Fumando Henrique Cardoso, chamando-o de ex-presidente THC. A vó não sabia o que significava a sigla THC. Quando expliquei, ela disse: "Ah! Mas isso eu sei o que é, já usei, não recomendo". A benção, vó!

Tiago Maria – out/2024

Ai, ai, Dorinha, deu certo. E o tanto que cochichou ao meu ouvido sobre Agatha. Um tanto assim que ela brotou e floresceu. Alegria. Obrigada pelos conselhos, não desisti. Agora que virou estrelinha, te apresento a ela olhando para o céu.

Vanessa D. M. Penz – out/2024

Vó Dora foi ali, dar uma volta pelo bairro como gostava de fazer, quando possível. Na volta vai fazer um café, e a gente vai rir e comentar a nossa vida, a vida alheia, e vamos escrever sobre tudo. Um sonho agora, bem sei, Dorinha, bonito como os seus textos e sua existência. Neste sonho te encontro plena, sorriso puro e, só assim, amenizo um pouco essa saudade imensa e doída, que ficou...

Giancarlo Carvalho – out/2024



Este livro foi composto usando fontes das famílias
Bookmania, Nefelibata Script e ITC American Typewriter
e impresso em Outubro de 2024



Dora Almeida

06/05/1943 - 08/2024

Dora Dorinha nasceu em Dom Pedrito (RS), e morou a maior parte do tempo em Porto Alegre.

Professora de Matemática por mais de quarenta anos, se aposentou em 2006 e resolveu escrever contos e crônicas. Participou de várias oficinas literárias, presenciais e virtuais, tendo livros publicados e textos premiados.

Dorinha se descrevia assim, no seu blog: “Avó coruja, professora, estudante de francês e, aos setenta, *blogueira*. Bem que dizem que a gente morre e não vê tudo...”

Explicar a identificação entre a Santa Sede e seus cronistas com Dora não é tarefa que passe pela razão – exatamente como nos casos de paixão imediata e duradoura. Ainda que eu tenha todas as razões para ser eternamente apaixonado pela Dorinha. E não estou só.

Rubem Penz
editor e escritor

*Amor, amor
Vida vivida com calma
Amor como sempre tinha
amor amado. Fins de ta
taça de vinho, convers
quentes e cheias d
Amor sufocante. A
Pensamentos do out
10*

